



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Articulação de Saberes: um estudo interdisciplinar na prática de ensino supervisionada em 1.ºCEB

Filipa Cristina Bento Martins

Porto

2017

Filipa Cristina Bento Martins

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula
Frassinetti para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré- Escolar e
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Porto

2017

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

Resumo

O presente relatório de estágio tem como principal intencionalidade compreender e aplicar um estudo interdisciplinar entre as áreas curriculares de Estudo do Meio (EM) e Português. Hoje em dia, a educação requer muito mais do professor do que o cumprimento das diretrizes emanadas do Ministério de Educação (ME). É verdade que devemos seguir o programa elaborado para os diferentes ciclos, no entanto, como bons profissionais de educação, devemos ajustar a nossa prática às especificidades da turma e aos alunos em prol da melhoria e desenvolvimento das aprendizagens. Com efeito, considerou-se bastante pertinente refletir sobre a interdisciplinaridade em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), uma vez que se julga uma temática bastante pertinente e exigente nos dias de hoje. Portanto, este projeto foi baseado na implementação de aulas interdisciplinares e visa dar a conhecer o processo de interpretação das informações recolhidas em contexto de 1.º CEB, assim como a oportunidade que os professores do mesmo ciclo têm em lecionar aulas de cariz interdisciplinar, sendo que o principal foco reside na motivação dos alunos e nas novas aprendizagens, encontrando um elo de ligação entre as áreas curriculares destinadas para o 1.ºCEB. As principais fontes de recolha de dados foram a observação direta e grelhas de registo, assim como a autoavaliação dos alunos e avaliação da docente cooperante, relativamente às aulas lecionadas, seguindo a abordagem interdisciplinar.

O contexto de estudo foi enquadrado na instituição onde se desenvolveu a prática de ensino supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico, contemplada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os participantes ativos da investigação foram os alunos da turma onde se desenvolveu o estágio em 1.ºCEB ao longo de dois semestres; foram elaboradas cinco aulas interdisciplinares, com base numa grelha de planificação comum a todas as aulas, que contemplava campos de preenchimento para a organização das sessões, entre os quais se destacam: conteúdos interdisciplinares, história escolhida e sinopse da mesma, materiais necessários, conteúdos programáticos e descrição da atividade. Após a leção das aulas, foram ainda analisadas as grelhas de registo e autoavaliação preenchida pelo grupo de alunos.

Dos resultados, é de salientar que este estudo possibilitou aferir as possibilidades de exploração interdisciplinar no ensino/aprendizagem do Português e do EM.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, 1.º CEB, Plano Nacional de Leitura, Português, Estudo do Meio.

Abstract

This internship aims to report the understanding and application of an interdisciplinary study between the curricular areas of Middle Study (ME) and Portuguese. Nowadays, education requires a greater effort from the teacher than from the guidelines implemented by the Ministry of Education (ME). In fact, we must follow the program elaborated for the different cycles, however, as good educational professionals we must adjust our practice to the class and the students needs, in order to improve and develop their learning. In this way, it was considered very pertinent to think over the interdisciplinarity in scope of 1st Cycle of Basic Education (CBE), since it is a very pertinent and demanding subject today. Therefore, this project was based on the implementation of interdisciplinary classes and aims to show the interpretation process of the information gathered in the context of 1st CBE, as well as the opportunity that the teachers of the same cycle have in teaching classes of interdisciplinary nature, being the main focus the student motivation and new learning, finding a link between the curricular areas destined for the 1 st CBE. The main sources of data collection were active observation and registration grids, as well as the self-assessment of the students and the cooperating teacher, regarding the classes taught, following the interdisciplinary approach.

The study context was framed in the institution where the Supervised Teaching Practice was developed in the 1st Cycle of Basic Education, contemplated in the Master in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education. The active participants of the research were the students of the class where the internship in 1st CEB was developed during two semesters; Five interdisciplinary classes were developed, based on a planning grid common to all classes, which included fields for the organization of classes, including: interdisciplinary content, chosen history and synopsis, necessary materials, Programmatic contents description of the activity. After lecturing the classes, the grids of registration and self-assessment completed by the group of students were also analyzed.

From the results, it should be noted that this study made it possible to assess the possibilities of interdisciplinary exploration in teaching / learning of Portuguese and MS.

Keywords: Interdisciplinarity, 1st CBE, National Reading Plan, Portuguese, Middle Study

Agradecimentos

A realização deste relatório não teria sido possível sem a participação, apoio, incentivo e carinho de todos aqueles que me acompanharam, direta e indiretamente, neste meu percurso acadêmico.

Em primeiro lugar, agradeço do fundo do coração aos meus pais e ao meu irmão, porque sem eles este sonho não se tinha concretizado. Foram dias difíceis, foram momentos tensos mas sempre, em todos os eles, tiveram comigo para ampararem as minhas quedas e aplaudirem todos os meus sucessos.

Ao meu namorado, Daniel Marinho, por todo o apoio incondicional ao longo destes cinco anos, por me incentivar todos os dias a ultrapassar as minhas barreiras, por me fazer sentir segura, por acreditar sempre em mim, por não deixar que eu desistisse quando acusava o cansaço. Foram cinco anos muito intensos, mas sem dúvida que a sua presença fez, faz e continuará a fazer diferença na minha vida. Obrigada por tudo! Sem ti, nada seria igual.

À minha excecional família, que contribuiu em todas as etapas da minha vida de estudante. Quero agradecer especialmente à minha tia Cláudia que me fez encantar pelo mundo da educação. Foi ela a mentora da minha escolha.

Aos meus amigos da vida, quero agradecer por todos os momentos de paciência, compreensão, partilha e ajuda. Obrigada por nunca deixarem de estar comigo, mesmo quando eu estava de computador à frente a fazer trabalhos para a faculdade.

À minha melhor amiga, Carina Borges, quero agradecer por estes nove anos de amizade verdadeira, por ter sido sempre a minha companheira da vida e por ter agarrado esta nova aventura comigo.

Às amigas que levo para a vida, aquelas que fiz ao longo do meu percurso acadêmico, em especial à minha afilhada, Catarina Gonçalves, por toda a compreensão, companheirismo, amizade e confiança depositada em mim. À Teresa Ferreira, à Filipa Paias e à Rita Reis que mesmo nos momentos de ausência foram capazes de respeitar e compreender, sem nunca se esquecerem de mim.

À minha Orientadora Daniela Gonçalves, pela sua disponibilidade e generosidade na orientação deste relatório, por todos os ensinamentos que me transmitiu ao longo dos cinco anos de estudante e por ter sido sempre um grande exemplo de profissionalismo docente. Obrigada por tudo! Guardo um carinho muito especial por tudo o que sempre fez por mim.

Agradeço ainda aos profissionais cooperantes que me apoiaram e ajudaram nesta importante etapa. Às minhas crianças e alunos que me fizeram acreditar ainda mais na

escolha que fiz para o resto da vida. Sem dúvida que o melhor de todo este percurso foram as vivências e aprendizagens que retirei de cada uma delas.

E, finalmente, aos profissionais da ESEPF pelas aprendizagens e momentos compartilhados.

Muito obrigada a todos!

Índice

Introdução	8
I. Enquadramento Teórico	11
1. O desempenho docente.....	11
1.1 O que diferencia o profissionalismo docente.....	12
1.2 Competências para ensinar	12
2. Os quatro pilares da educação	15
3. O que é ensinar?	15
3.1 Ensinar estrategicamente	16
3.2 O Desenvolvimento da estratégia	18
3.3 Interdisciplinaridade	18
II. A utilização do Plano Nacional de Leitura para o ensino do estudo do meio.....	20
1. A interdisciplinaridade entre o português e o estudo do meio	20
2. O Plano Nacional de Leitura	21
2.1 O contexto de investigação	23
2.2 Caracterização da turma.....	23
3. Planificação - grelhas de orientação do trabalho interdisciplinar entre o português e o estudo do meio.....	25
III. Apresentação e descrição da proposta de intervenção	30
Considerações Finais	55
Referências Bibliográficas.....	59
Anexos.....	61

Índice de tabelas

Tabela A - Grelha de orientação do trabalho interdisciplinar.	26
Tabela B - Grelha de avaliação da atividade, preenchida pelos alunos da turma.....	27
Tabela C - Proposta de planificação do texto: As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da senhora Adriana, de Rosário Alçada Araújo.	29
Tabela D - O dia em que o meu bairro ficou em pantanas, de Rosário Alçada Araújo .	33
Tabela E – Ungali, de Elsa Serra.	37
Tabela F – Entrevista a um jovem agricultor, publicada pelo Jornal O Público.	42
Tabela G – “Rosa e os Feitiços do Mar”, de Manuela Costa Ribeiro.	47
Tabela H – “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago.	52

Índice de gráficos

Gráfico I - Avaliação da aula: Os locais de comércio	35
Gráfico II - Avaliação da aula: Animais pelo mundo.....	39
Gráfico III - Avaliação da aula: É assim a vida de (jovem) agricultor.....	44
Gráfico IV - Avaliação da aula: Rosa e os Feitiços do mar	49

Índice de Anexos

Anexo I - Imagens ilustrativa do Sistema Respiratório	
Anexo II - Mapa ilustrativo da cidade	
Anexo III - Mapa-Mundo	
Anexo IV - Cartões com informações dos animais	
Anexo V - Código de motivação para a aula – Animais pelo Mundo	
Anexo VI - Tabela com matérias agrícolas e produtos finais	
Anexo VII - Registo do trabalho de casa	
Anexo VIII - Criação dos cenários – “Rosa e os feitiços do mar”	
Anexo IX - Posto I – Dona Intérprete	
Anexo X - Posto II – Dona Gramática	
Anexo XI - Posto III – Senhor Pescador	
Anexo XII - Palavras gráficas	
Anexo XIII - Cartões para interpretação de história	
Anexo XIV - Germinação de plantas	

Lista de abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

EM – Estudo do Meio

ME – Ministério da Educação

PNL – Plano Nacional de Leitura

PNEP – Plano Nacional do Ensino do Português

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

Com o intuito de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi elaborado o presente relatório de estágio que incide sobre um percurso investigativo, de cariz interdisciplinar, aplicado no ensino de 1.º CEB, numa instituição de carácter privado.

No desenrolar da presente investigação, percebeu-se que a informação e formação de docentes, relativamente a este tema, é bastante escassa. Após se corroborar algumas perspetivas de vários autores relacionados com a educação, entendeu-se que, devido às organizações e propostas do ME os profissionais de educação não estão preparados para trabalhar numa abordagem interdisciplinar, uma vez que a formação de professores, inicial e contínua, ainda não abrange uma variedade de propósitos que englobem contornos interdisciplinares.

Com efeito, este estudo centra-se na prática docente sustentada por cinco planificações interdisciplinares entre o Português e o EM. No ensino, a transversalidade das histórias infantis permite trabalhar as várias áreas do saber. Deste modo, optou-se por escolher o EM, ou seja, ensinar os conteúdos disciplinares desta área curricular com as obras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura (PNL). Este último surgiu por iniciativa do Governo e da responsabilidade do ME, em articulação com outros ministérios. Uma vez que o número de livros recomendados pelo PNL para o ano de escolaridade em que se aplicaram as aulas é bastante elevado, teve-se como critério de seleção os conteúdos de EM a necessitarem de introdução e/ou consolidação para se apropriarem as aulas interdisciplinares aos mesmos. Deste modo, o processo de seleção ficou mais facilitado. Ainda assim, o universo de histórias é bastante rico e, por vezes, sentiu-se dificuldade na escolha do livro. Os livros de histórias, além de um instrumento de aprendizagem da leitura, escrita e gramática, revelaram-se, por excelência, um fantástico recurso para a introdução do EM. Os manuais escolares de Português, utilizados no contexto de investigação continham alguns excertos das obras recomendadas pelo PNL, ainda assim, considerou-se mais vantajoso e motivante para os alunos a utilização dos livros, uma vez que incentivam os hábitos de leitura, pois desperta o sentido crítico e curioso, tendo uma vertente lúdica. Enquanto os manuais escolares sofrem estruturas formais e rígidas, não permitindo que os alunos explorem o seu universo imaginativo.

Com o presente estudo, pretende-se mostrar aos profissionais de educação que é possível aplicar uma lógica interdisciplinar sem descuidar o recurso de manuais escolares, que, regra geral, estão formatados para todos de igual forma.

Na vertente teórica do relatório, citaram-se diversos autores que corroboram toda a lógica investigativa do mesmo. Antes de se refletir sobre o propósito da presente investigação, optou-se por num primeiro momento refletir sobre o desempenho docente, uma vez que se considera que o profissional de educação deve ser consciente da sua prática de modo a que consiga desempenhar um papel autónomo e interdisciplinar. Cardoso (2013) considera que

ser professor não se confina às paredes de uma sala de aula. Não se limita a ensinar alunos, mas também a aprender com eles numa relação que tem muito de complementaridade e de busca da razão, do saber e até de um sentido ético para a vida (p.37).

Ainda no propósito da docência, procurou-se refletir sobre a diferenciação do profissionalismo docente. Assim, elencar alguns fatores que distingam essas práticas revelou-se oportuno para a reflexão sobre a papel do professor. Para se ser um bom profissional de educação deve-se adquirir várias competências que se completam. Assim, considerou-se oportuno mencionar o sociólogo Perrenoud (2000), uma vez que o mesmo elaborou um referencial de dez domínios de competências reconhecidas prioritariamente para a formação contínua de docentes, que visam ajudar o professor a corrigir e adaptar a sua prática.

O profissional de educação tem como uma das suas principais tarefas: ensinar. Deste modo, refletiu-se sobre o presente tema, recorrendo a Maria do Céu Roldão (2009) já que refere que ensinar é ativar e organizar um conjunto de dispositivos que promovam a aprendizagem do aluno. Considerou-se ainda necessário pensar sobre as estratégias de ensino, uma vez que ensinar do ponto de vista interdisciplinar é assim uma estratégia optativa do docente.

Finalmente, ainda no primeiro capítulo de reflexão, foi fundamental se abordar o grande tema da interdisciplinaridade. Heinz Heckhausen (2006) afirma que a interdisciplinaridade “se impõe a diversos títulos”, numa lógica de investigação, no ponto de vista da prática docente e ainda na interação dos anteriormente referidos.

Já no segundo capítulo de reflexão, pretende-se explicar a utilização dos livros do PNL para o ensino do EM. Após este momento, reflete-se sobre a interdisciplinaridade

entre o Português e o EM, de modo a demonstrar a pertinência da mesma. É também neste capítulo que se faz uma breve referência ao contexto de investigação, bem como uma caracterização da turma em que se aplicam as cinco aulas interdisciplinares. Nesta secção ainda se apresenta o modelo de planificação para as aulas interdisciplinares e a grelha de avaliação de resultados para os alunos preencherem no final de cada sessão. Em todas as aulas planificadas, teve-se por base os conteúdos de EM, sendo que não se descurou de analisar e interpretar o texto que se apresentava, uma vez que a intencionalidade das aulas era interpelar as duas áreas curriculares.

Por último, no terceiro capítulo apresentam-se os resultados obtidos, após a aplicação das planificações propostas para a fundamentação da investigação em curso.

O objetivo desta investigação foi então, disponibilizar aos docentes do 3.º ano de escolaridade do 1.º CEB, materiais didáticos que lhes permitam trabalhar o EM, partindo da área curricular de Português, promovendo a interdisciplinaridade tão necessária e recomendada neste nível de ensino.

I. Enquadramento Teórico

1. O desempenho docente

“Ser professor é uma profissão única, insubstituível” (Cardoso, 2013, p. 37). É esta profissão que torna as outras possíveis, visto que é o motor que faz gerar a sociedade. Sendo assim, ser professor é uma carreira cheia de desafios, colocados à prova pela constante mudança da sociedade.

O professor deve ter como base da sua prática a grande tarefa de educar os alunos para as adversidades do mundo, aprimorar o educando como pessoa humana que vai conseguir enfrentar as adversidades do mundo que o rodeia. A escola não se pode limitar a instruir; não adianta que o aluno seja portador de conhecimento técnico e científico se não se educar intelectualmente.

Como explica o Cardoso (2013), o bom professor tem que ser generoso perante a educação, relativamente ao saber, ao conhecimento que possui, mas também ao que não tem e que pretende alcançar e partilhar com os seus alunos.

Contudo, o ser professor esta cada vez mais difícil, às escolas é exigido que mantenham um papel integral no desenvolvimento generalizado dos alunos, ao invés do que é exigido aos professores que têm de manter um papel fundamental, mas no desenvolvimento individual de cada aluno.

Immanuel Kant afirma que a formação do indivíduo se realiza de duas formas: *de fora para dentro e de dentro para fora*. A primeira diz-nos que a educação surge como um processo e a segunda refere que educar significa acionar os meios intelectuais e morais para gerar uma continuidade da própria formação (citado por Cardoso, 2013, p. 39).

Um bom professor tem de ter arte para transmitir conhecimentos, mas, e talvez mais importante, deve saber gerir uma sala de aula, criar estratégias para a relação de professor-aluno, investigar e tornar os conhecimentos acessíveis a todos. De acordo com Oliveira Formosinho (1998) ser professor não é só lecionar aulas, implica muitas mais preocupações diversas, tais como, o bem-estar, a segurança dos alunos, o apoio individualizado, o respeito pelas famílias e a procura de métodos de ensino e de avaliação mais convenientes (citado por Lopes & Silva, 2010, p. 105).

O que se espera de um bom professor é que este assuma a responsabilidade pelo processo de aprendizagem dos seus alunos; este processo é fulcral para a adaptação das

crianças no ambiente escolar. O docente deve dominar os métodos de ensino que preconiza, colocando-os em prática para assim conseguir articular os procedimentos pedagógicos adequados. Ainda, segundo a perspectiva de Formosinho (1998), o docente deve manter-se atualizado e capacitado para reformular, sempre que necessário, a sua prática e atualizá-la para ideias mais novas; as novas tecnologias são uma ajuda fundamental para a renovação de métodos de ensino (citado por Lopes & Silva, 2010, p. 106).

1.1 O que diferencia o profissionalismo docente

Na profissão de docente, tal como noutras, existem diferenças a nível das capacidades, competências e desempenho dos mesmos. Assim, elencam-se alguns fatores que distinguem essas práticas, sendo oportuno refletir sobre o papel do professor.

Os professores são alvos de “fatores de diferenciação naturais” (Formosinho, 2009, p. 47), que provêm da panóplia de capacidades, interesses, motivações e personalidade de cada indivíduo. Estes fatores influenciam diretamente a gama de professores a nível da aquisição do mérito, competência e desempenho, avaliados num grau qualitativo, pelo pessoal competente para o cumprir. Existem também “diferenças de disponibilidade e empenhamento” (Formosinho, 2009, p. 47), quando referimos que os professores são todos diferentes na maneira como interagem com os alunos, se são apáticos, passivos, cumpridores de regras, empenhados.

O que foi referido anteriormente faz a diferença na profissionalização docente, visto que o que é espetável nos dias de hoje, é que o docente consiga filtrar e adaptar os comportamentos para conseguir encontrar um meio-termo e assim equilibrar as suas práticas.

1.2 Competências para ensinar

Philippe Perrenoud diz que “a noção de competência designará aqui uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações” (Perrenoud, 2000, p. 15). O sociólogo elaborou um referencial de dez domínios de competências reconhecidas prioritariamente para a formação contínua de docentes,

elencadas no livro 10 Novas Competências para Ensinar, que visam ajudar o docente a corrigir e adaptar a sua prática.

A primeira competência coloca ênfase na importância da organização e gestão das situações de aprendizagem. Ao professor cabe o dever de conhecer os conteúdos a serem ensinados às crianças para que lhes possa proporcionar momentos de aprendizagem pedagogicamente significativa. O aluno deve ser sempre o centro da ação, os conteúdos a serem trabalhados devem ser adaptados e encarados de forma a facilitar a aprendizagem dos alunos. E para isto, os professores devem estar capazes de construir dispositivos pedagógicos e didáticos para motivarem os alunos a novas aprendizagens.

Como segunda competência, (Perrenoud, 2000, pp. 40-43) é importante o docente gerir o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos para os domínios previstos para o final de cada ciclo de estudos. A observação e avaliação da turma em situações de aprendizagem deve ser realizada do ponto de vista de uma abordagem formativa. É ainda importante, neste aspeto, os docentes proporcionarem balanços periódicos das aulas e estabelecer parâmetros para a progressão dos alunos.

Na terceira competência os docentes devem ser capazes de conceber dispositivos de diferenciação pedagógica. A heterogeneidade da turma é sem dúvida um ponto fulcral para o bom ambiente na sala de aula. Neste cenário, os professores podem e devem repensar em atividades especializadas para os alunos com maiores problemas de aprendizagem bem como proporcionar momentos de aprendizagem mútua: aluno – aluno.

A quarta diz respeito ao envolvimento dos alunos nas suas próprias atividades e aprendizagens. O professor deve estar capaz de motivar os alunos para a importância de aprender, deve referir a importância do saber, o sentido do trabalho e ainda ajudar a criança a se autoavaliar visto que, nos sabermos avaliar é bastante importante para termos a noção das nossas competências e do que precisamos de melhor ou aprender. Tal como referi em cima o docente deve proporcionar um bom ambiente na sala de aula. Contudo, para auxiliar esse processo, Perrenoud (2000) considera que ele deve estabelecer regras e contratos com os alunos para que estes consigam fazer parte do processo de organização do ambiente educativo.

Já no quinto ponto de referência, o sociólogo assumiu como competência importante, o professor estabelecer e proporcionar o trabalho em equipa. Um bom ambiente de turma provém das relações interpessoais dos alunos, para que isso resulte o saber trabalhar com tudo e todos é, sem dúvida, uma competência não só para ajudar a escola, mas também para desenvolver ao longo da vida. O docente deve então ajudar na elaboração de um

projeto de turma/grupo, dirigindo os grupos de trabalho. A nível das escolas, o docente deve estar atento às lacunas a resolver e formar ou renovar equipas pedagógicas, resolver as crises e os conflitos interpessoais.

O ponto seis abrange uma competência referente ao ambiente escolar. O professor deve elaborar ou propor um projeto da instituição sempre que for vantajoso para o ambiente educativo e de aprendizagem dos alunos. Nem todos os professores podem ou conseguem coordenar uma escola mas, se esse momento se proporcionar o docente deve estar apto para administrar os recursos da escola, coordenar e dirigir a escola com todos os seus parceiros e ainda organizar e proporcionar a participação constante dos alunos no âmbito escolar.

No que concerne à participação dos pais, a competência sete, ajuda o docente a exercer a sua profissionalidade. É importante para o ambiente de turma que professor e pais se comuniquem e mantenham uma relação que vise o crescimento dos seus educandos. As reuniões de turma são uma prática que auxilia o docente a transpor informação importante para os pais, as entrevistas ajudam a conhecer melhor o ambiente e as relações familiares que muitas vezes explicam comportamentos e atitudes das crianças.

Nos dias de hoje, nada melhor do que um docente estar apto a trabalhar com as (novas) tecnologias; o mundo moderno estende-se à escola e, sem dúvida que, tal como é explicitado na competência oito, o professor deve utilizar ferramentas tecnológicas para renovar os métodos de ensino.

A competência nove e dez abrangem os conteúdos mais éticos da profissão e formação contínua. O docente tem de conseguir enfrentar os problemas de foro social e adaptar a postura dos alunos, a postura da escola para que consiga ter sucesso no ambiente social da instituição desenvolvendo o sentido de responsabilidade, solidariedade e o sentimento de justiça. A nível da formação contínua, o professor tem que renovar as suas próprias práticas, adaptar às incapacidades e potencialidades dos alunos.

2. Os quatro pilares da educação

Os quatro pilares da educação, segundo a UNESCO (2010), são a base da educação ao longo da vida e servem de modelo para as instituições aplicarem novas metodologias baseadas no desenvolvimento de competências que privilegiem o desenvolvimento integral do indivíduo.

- i. Aprender a conhecer
- ii. Aprender a fazer
- iii. Aprender a viver em sociedade
- iv. Aprender a ser

No primeiro ponto, o papel do professor é estimular o aluno para querer conhecer, compreender e descobrir. O principal objetivo é fazer com que os alunos gostem de estudar, despertando assim a curiosidade e a autonomia dos jovens, conseguindo que eles estabeleçam uma relação entre os conteúdos aprendidos e as vivências do quotidiano.

No segundo ponto, o docente deve ser capaz de combinar a realidade técnica de concretizar uma tarefa com o comportamento social, conseguir trabalhar em equipa, ter iniciativa e arriscar para mudar o que necessitar de intervenção.

O terceiro ponto deve ser conseguido através de estratégias educativas que incentivem os alunos a dar importância à descoberta do outro e de participarem em projetos comuns com diferentes comunidades.

Por fim, o quarto pilar estimula o desenvolvimento total do indivíduo, que deve ser preparado para pensar autonomamente e criticamente a fim de formular os seus próprios juízos de valor, decidir por si mesmo e agir nas diferentes circunstâncias da vida. É neste pilar que o conceito de educação ao longo da vida é reafirmado. Assim, a educação deverá contribuir para o desenvolvimento do indivíduo a nível pessoal e profissional.

3. O que é ensinar?

Definir o que é ensinar não se trata de uma tarefa fácil pois, o seu conceito esta inteiramente ligado à prática quotidiana de todos os professores.

Maria do Céu Roldão (2009, p. 14) refere que ensinar “consiste (...) em desenvolver uma ação especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessária”, ou seja, ensinar é ativar

e organizar um conjunto de dispositivos que promovam a aprendizagem do aluno, contudo esta aprendizagem não se pode garantir pois, o sujeito que aprende tem de desenvolver as competências estipuladas pela aprendizagem. É no modo como o docente ensina que se podem encontrar as potencialidades que possibilitam e facilitam a aprendizagem do sujeito, neste caso dos alunos.

O docente pode enquadrar-se pelo menos em três padrões teóricos que Roldão (2009) elenca: a matriz transmissiva, a matriz proveniente de contributos construtivistas e a matriz crítica.

A matriz transmissiva está inteiramente ligada à transmissão de conhecimentos formais, traduzidos para o currículo do docente. Ou seja, esta competência está inerentemente ligada ao pré-conceito que o professor possui para depois conseguir transmitir os conhecimentos aos seus alunos.

A matriz proveniente dos contributos construtivistas está presente no conceito de ensinar de forma a facilitar o processo de construção de conhecimento e desenvolvimento cognitivo do outro. A matriz crítica, também esta associada à ideia da construção autónoma do saber e à estimulação ativa do próprio pensamento.

A articulação entre os alunos e os conteúdos é de facto o foco essencial para qualquer ação de ensinar. Não se pode ensinar de igual maneira os mesmos conteúdos a todos os alunos, cada aluno aprende de maneira diferente, cada um tem o direito à diferenciação pedagógica uma turma é feita por cada um e não por um todo.

Ao longo do século XIX, foram privilegiados critérios de produtividade que levaram à reorganização do ensino como transmissão de saberes, conhecimentos, centrados em cada aluno e não num todo.

Na contemporaneidade, a representação de ensinar como ação transmissiva de saber foi dominantemente aceite pelas instituições de ensino. Todo este novo método de ensino é objeto da nova realidade escolar e social vincadamente marcada pela universalidade e diversidade de públicos-alvo, pela facilidade de acesso a todo o conhecimento.

3.1 Ensinar estrategicamente

Estratégias “são planos de ação que conduzem o ensino em direção a objetivos previamente definidos” (Lopes & Silva, 2010, p. 115). Por outras palavras, uma estratégia de ensino é criada como um guia de ações educativas a desenvolver. Segundo Marzano

(1998), uma das características essenciais de um professor “eficaz, é ter bem definidos os objetivos que pretende alcançar para o seu ensino” (citado por Lopes & Silva, 2010, p. 135).

Quando as estratégias de ensino se interligam com orientações educativas e princípios teóricos pedagógicos, designam-se por modelos de ensino. Estes últimos apresentam-se como estratégias docentes articuladas, fundamentadas em princípios teóricos, que resultam em atitudes do professor e atividades dos alunos.

A conceção de ensino engloba uma “ação intencionalmente dirigida a promover uma aprendizagem (de um qualquer conteúdo curricular) em alguém” (Roldão, 2009, p. 57). Neste ponto de vista, toda a conceção, planificação, dispositivos pedagógicos, meios didáticos, regulação e a avaliação do aluno, concebidos pelo professor são em si mesmos uma estratégia.

O docente, “autor permanente de estratégias de ensino na prática quotidiana de ensinar” (Roldão, 2009, p. 58), deve ser conhecedor de alguns procedimentos de estratégias que pode desenvolver para ter sucesso na implementação da sua prática. Assim, deve ter em atenção a gestão de estratégia de ensino aplicadas em atividades e tarefas, planear as ações de forma eficaz implica que o professor consiga elaborar um percurso orientado para atingir os objetivos que delinear para transmitir conceitos, factos, relações e outros que integram os conteúdos programáticos. Segundo Gonçalves (2015, p. 305), “a prática do professor deve procurar, portanto, a criação de um ambiente escolar que promova o desenvolvimento cognitivo e desencadeie outras dimensões do desenvolvimento”. Deste modo, a operacionalização da estratégia implica ao docente um conhecimento técnico centrado na ação didática adequada para uma execução e orientação do processo de aprendizagem.

Após a gestão e operacionalização da estratégia, é preciso que o docente avalie todo o processo, para além de descrever as etapas da estratégia de forma analítica, sendo precioso para o desenrolar da ação. Definir a estratégia de ensino, antecipar momentos e definir os modos de avaliação, é essencial para aferir a adequação da mesma durante o seu processo de desenvolvimento e dos seus resultados de aprendizagem intermédios e finais. A avaliação dos resultados das aprendizagens conseguidas deve fazer parte de uma estratégia global e estar em concordância, pois deve estar articulada com o modo como o trabalho é conduzido (esta foi uma das preocupações que nos acompanhou ao longo da prática de ensino supervisionada).

3.2 O Desenvolvimento da estratégia

As estratégias de ensino desenvolvidas pelo docente devem cumprir um conjunto de ações que visem analisar, integrar, colocar hipóteses, selecionar, organizar e decidir.

O docente primeiramente deve analisar a relação dos conteúdos e objetos de estudo com a situação dos alunos de turma. Seguidamente, deve integrar/familiarizar os alunos com as unidades de ensino juntamente com as aprendizagens e experiências do aluno. Para se organizar com a elaboração da estratégia, o docente estipula uma lista de objetivos para se regular e orientar no decorrer da planificação.

Para obter sucesso na colocação da estratégia em prática o docente deve, previamente, escolher e selecionar as opções mais favoráveis e que se enquadrem melhor com o grupo de alunos.

Antes de decidir o que lecionar e de que maneira o fazer, o docente deve organizar toda a panóplia de conhecimentos a serem transmitidos aos alunos para assim, poder terminar uma avaliação positiva e de sucesso.

Todas estas etapas devem ser ultrapassadas pelo docente para que este consiga estabelecer o tipo de método pedagógico a utilizar, as técnicas a abordar e que dispositivos didáticos empregar.

3.3 Interdisciplinaridade

No início da presente investigação, deparou-se que existe uma enorme lacuna sobre informação e formação dos docentes relativamente ao grande tema, a interdisciplinaridade. Segundo algumas leituras, percebeu-se, com clareza, que os profissionais de educação não estão preparados para trabalhar numa abordagem interdisciplinar, visto que a formação de professores, inicial e contínua, ainda não é muito variada a este propósito. Portanto, os docentes não estão preparados para procurar respostas de modo a que explorem o leque de educar, ensinar, aprender, partilhar conhecimento. Santomé (2011) afirma que

a existência de um currículo obrigatório (...) com uma lista excessivamente densa de conteúdos para distribuir nas aulas, acabou por desviar a atenção dos professores, quase exclusivamente, para as questões metodológicas (...) e de avaliação e de vigilância disciplinar dos alunos (p.65).

Os docentes estão muito dependentes do cumprimento das matérias presentes nos manuais escolares e, por vezes, esquecessem do quão importante é criar e proporcionar momentos interdisciplinares; momentos de partilha e correlação entre o conteúdo de todas as matérias a lecionar. E quando se considera a interdisciplinaridade não se está só a procurar cruzar matérias científicas, fala-se dos valores morais, da ética, dos códigos de pertença a uma sociedade de rápida evolução comum a todos os campos de aprendizagem e vivência.

Monteiro, Quinta e Costa & Vítor Ribeiro (2015), afirmam que

a interdisciplinaridade define-se como o encontro e a cooperação entre duas ou mais disciplinas, cada uma das quais empregando ao nível da teoria ou da investigação empírica os seus próprios esquemas conceptuais, a forma de definir os problemas e os seus métodos de investigação (...) (p.780).

Importa referir que este encontro e cooperação entre duas disciplinas deve ser pensado e planificado com base nos conteúdos de aprendizagem do ano em que se aplica. Para que o trabalho interdisciplinar do docente surta o efeito pretendido, corroborar matérias que estejam empiricamente ligadas entre si, deve ser um trabalho realizado ao longo do ano de aprendizagem e em concordância com as motivações, facilidades e dificuldades dos alunos. A educação é sempre uma das áreas do saber comentada e fundamentada por todos aqueles que se acham no direito de o fazer, por considerarem que é uma área de conhecimento comum. A sociedade em geral acha-se no direito de proferir qualquer comentário sobre uma área que tem tanto de complexa como de desafiante. Contudo, nem nós, os que estudam para se formarem numa área tão gratificante como esta, podemos dizer com toda a certeza que temos uma definição única de educação e de tudo o que circunda este núcleo.

Tamayo (s/d, p.5) refere que “la interdisciplinariedad, (...) incorpora los resultados de las diversas disciplinas, tomándolas de los diferentes esquemas conceptuales de análisis, sometiéndolas a comparación y enjuiciamiento y, finalmente, integrándolas”. Percebemos, assim, que a interdisciplinaridade surge ramificada do educar e ensinar.

No que concerne aos conteúdos abordados e pré-estabelecidos pelo ME, é de opinião própria, que estes deveriam sofrer uma reforma, tentada nos princípios da educação, que ultrapassassem os objetivos de carácter estritamente didático e disciplinar. Ainda assim, influenciados pela sobrecarga dos programas de estudos e a natureza dos exames, os profissionais de educação acabam por atribuir principal relevo à assimilação e reprodução

dos conhecimentos. Porém, a sociedade contemporânea coloca cada vez mais importância ao *saber-ser e saber-fazer*. O que nos leva a crer que a contínua aprendizagem autónoma patenteia um modo de vida que exige a inversão tradicional dos objetivos.

II. A utilização do Plano Nacional de Leitura para o ensino do estudo do meio

1. A interdisciplinaridade entre o português e o estudo do meio

A utilização de histórias na sala de aula permite o desenvolvimento das crianças a vários níveis e o fator da imaginação e do maravilhoso está presente no dia-a-dia das crianças e o ensino do EM está inteiramente ligada a muitas das realidades vividas pelas crianças, é o estudo do meio que permite a aprendizagem de diversos assuntos da vida do ser humano. A presença e a dinamização destas duas componentes na sala de aula podem motivar os alunos a adquirirem gosto por ambas as vertentes de estudo, facilitando assim o processo de ensino/aprendizagem. Tal como refere o ME (2004)

ao professor cabe a orientação de todo (...) processo, constituindo, também, ele próprio, mais uma fonte de informação em conjunto com os outros recursos da comunidade, os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação indispensáveis na sala (p.102).

O docente tem como objetivo ensinar e educar as crianças para que se tornem cidadãos criativos e críticos, pessoas conscientes e seguras do seu papel na sociedade. Uma das razões para a aplicação desta interdisciplinaridade recai sobre este aspeto pois, nos dias de hoje a importância dada a ambas as disciplinas é muito discrepante, segundo o ME, a criança deve ter sete horas semanais de ensino do português e somente três horas para o ensino do estudo do meio, mas será este último assim tão menos importante que as restantes áreas disciplinares? Esta foi a questão que levou à investigação deste relatório, bem como, conceber metodologias de intervenção educativa em que se aplique a interdisciplinaridade.

O professor deve estar confiante e motivado para ensinar e acreditar que os seus alunos são capazes, apoiando-os e mostrando-lhes que são capazes de se envolverem na

própria aprendizagem. O EM deve ser apresentado como uma aprendizagem útil e real, para além de se tratar de uma aprendizagem que faz parte do quotidiano das crianças, tal como o português, porque é fundamental para a comunicação e compreensão do mundo, bem como o desenvolvimento social de todas as crianças.

O uso dos materiais de português, neste caso os textos e as histórias, deve respeitar alguns pontos para ser conciliado com a aprendizagem do estudo do meio, a saber:

- i. Primeiramente, a criança deve valorizar a história em si e criar um gosto pelo seu conteúdo;
- ii. A história deve manter o seu fio condutor e não se deve dar ênfase a conteúdos do estudo do meio;
- iii. As aprendizagens retiradas da história devem envolver o português e o estudo do meio em simultâneo;
- iv. Os alunos devem continuar a recordar a história pelo interesse despertado nelas e não por um conteúdo de estudo do meio associado;
- v. O prazer pela leitura deve continuar a prevalecer.

O professor tem como função oferecer um ambiente lúdico adequado à faixa etária dos seus alunos, através da manipulação de materiais didáticos, jogos, problemas e tarefas que possam ajudar os alunos a descobrir conceitos e definições. Assim, como refere o ME (2004) “variar os materiais, as técnicas e processos de desenvolvimento de um conteúdo, são condições que se associam a igual necessidade de diversificar as modalidades do trabalho escolar e as formas de comunicação e de troca dos conhecimentos adquiridos” (ME, 2004, p. 24).

2. O Plano Nacional de Leitura

O PNL surgiu em 2006, após “uma iniciativa do Governo da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares” (Alçada, Calçada, Martins, Madureira, & Lorena, 2006, p. 1) com o objetivo de elevar os níveis literários dos portugueses em geral mas mais particularmente dos jovens.

O PNL é um conjunto de estudos que tinham como objetivo permitir “operacionalizar metas, criar instrumentos de avaliação, monitorizar programas e avaliar a eficácia das diferentes ações” (idem).

Os programas nucleares do PNL são:

- i. A promoção da leitura diária nos jardins-de-infância e nas escolas de 1.º e 2.º ciclo;
- ii. A promoção da leitura em contexto familiar;
- iii. A promoção da leitura em bibliotecas e em contextos sociais
- iv. O lançamento de campanhas de sensibilização da opinião pública, de programas de informação e recreativos centrados no livro e na leitura.

O PNL usufrui de dois programas nucleares, a Leitura Orientada, em contexto de sala de aula e a Leitura Recomendada, em contexto familiar. Os dois programas têm base de fundamentação em estudos que permitem a operacionalização de metas, a crianças de instrumentos de avaliação, a monitorização de programas e ainda a avaliação da eficácia das diferentes ações. As duas leituras, recomendada e orientada, foram divididas em três graus de dificuldade: I, II, III, que são do mais fácil para o mais difícil.

De acordo com os princípios do PNL, a escolha dos livros e das histórias, deve ter em conta:

- i. Os interesses dos alunos;
- ii. As leituras anteriores de modo a que não se repitam;
- iii. O nível de leitura de cada aluno para que o interesse e motivação continuem a ser uma constante;
- iv. As obras recomendadas nas Metas Curriculares de Português.

Para o 1.ºCEB o programa intitula-se por Está na Hora da Leitura e desdobra-se em atividades de leitura diária na aula, atividades ao nível das expressões utilizando os livros, encontros com autores das histórias, jogos didáticos e pedagógicos, concursos da escrita e da leitura, envolvimento parental, feiras dos livros com o apoio das listas de livros recomendados e ainda usufruiu da formação de professores através do Plano Nacional de Ensino do Português (PNEP).

Sendo apresentada uma lista dos livros de leitura orientada, para o 3.º ano, recomendados pelo PNL, selecionamos para a investigação as seguintes obras e textos: “O dia em que o meu bairro ficou em pantanas”, de Rosário Alçada Araújo, “Ungali”, de Elsa Serra, “Rosa e os Feitiços do Mar”, de Manuela Costa Ribeiro, “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago.

2.1 O contexto de investigação

A presente investigação foi realizada numa instituição de ensino particular, a funcionar desde o ano de 2012, tendo atualmente três edifícios que servem diferentes valências educativas (creche e pré-escolar; 1.ºCEB, 2.ºCEB e 3.ºCEB e ensino secundário). Encontra-se situada na grande área metropolitana do Porto e está inserida num contexto com uma grande diversidade educativa, social, desportiva, cultural, económica e ambiental, tendo à sua disposição um grande leque de locais/instituições para as diversas faixas etárias, que podem e devem ser inseridas em distintos contextos de aprendizagens. O estabelecimento de ensino é formalmente reconhecido pela autarquia do concelho, bem como pelo ME, devido à sua capacidade de gestão educativa, financeira e organizacional, em regime de autonomia pedagógica. A presente instituição tem como missão, primar pela qualidade no sucesso que consinta, pela exploração de todas as faculdades dos seus formandos, a construção de um mundo melhor. É de salientar, que em todas as dinâmicas e em todos os projetos que a instituição opera, a missão é tida em consideração, uma vez que os profissionais da mesma lhe dão o realce e valor necessário para que continue a primar pela qualidade.

2.2 Caracterização da turma

No decorrer da prática profissional em 1.º CEB, a presente investigação foi aplicada numa turma de 3.º ano de escolaridade do 1.º CEB.

A turma em questão é constituída por vinte e um alunos, treze do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idades compreendidas entre os oito e os nove anos. Segundo a teoria de desenvolvimento de Piaget, as crianças desta faixa etária encontram-se no período das operações concretas, ou seja, é neste período que “desenvolvem o pensamento lógico mas não o abstrato” (Papalia, Olds, & Feldman, O Mundo da Criança, 2009, p. 420). São menos egocêntricas e vêm-se agora capazes de usar as operações mentais para resolver problemas concretos. Neste período de desenvolvimento, é ainda destacável a capacidade crescente das crianças por compreenderem as opiniões dos outros, o que as ajuda a comunicar mais eficazmente e a serem mais flexíveis nas suas avaliações morais.

Pelo que se observou, os alunos já interiorizaram a diferença entre a fantasia e a realidade, o que não é observável em todos, uma vez que as observações realizadas informalmente dão conta de algumas atitudes e comportamentos menos conscientes por parte de alguns alunos. Comportamentos estes que têm vindo a ser punidos pela professora titular de turma uma vez que causam distúrbios entre os restantes colegas da instituição.

O panorama da turma revela-nos que os alunos pertencentes da mesma são empenhados e perspicazes, demonstrando interesse nas atividades propostas. Contudo, existem alunos pouco participativos que, por vezes, apresentam alguma timidez, pelo que se tenta estar alerta, de modo a não deixá-los passar despercebidos durante as aulas. Percebeu-se também que estes mesmos alunos carecem de algumas dificuldades nas diferentes áreas de ensino. Globalmente, a lacuna geral da turma é o português, alguns alunos apresentam desníveis significativos no *Domínio da Leitura e da Escrita*. No que concerne à leitura, estas dificuldades são mais evidenciadas a nível da *velocidade, precisão e prosódia*. Uma vez que nos encontramos numa turma de 3.º ano de escolaridade, estes obstáculos já deviam estar colmatados do ano de escolaridade transato. Nas atividades de leitura, nota-se muito a dificuldade de alguns alunos conceberem uma leitura coerente, precisa e sem receios. Neste âmbito, a presente investigação procura ajudar os alunos a corrigirem as suas dificuldades, criando momentos interdisciplinares que motivem os alunos a quererem ultrapassar as mesmas. É ainda de salientar que, relativamente à escrita, os alunos mostram-se muito pouco autónomos e inseguros. Nas interpretações de textos ou obras, é regular pedir-se aos alunos que expressem a sua opinião relativamente à mensagem do texto, ao ato de alguma personagem, e estes revelam muito poucas capacidades no leque do seu vocabulário. Restringem-se a copiar expressões do texto sem nunca discordar totalmente do que está a ser afirmado. É assim notória a insegurança de procurar novos vocábulos para transmitirem as suas ideias sem sofrerem juízos de valor. Uma outra fenda a ser trabalhada com mais precisão será a produção de textos. Tal como na opinião crítica supra referida, os alunos têm muitas dificuldades em escreverem textos criativos, diferentes, coerentes e sem utilizarem sempre as mesmas expressões ou conjunções. Numa turma de 3.º ano de escolaridade é pressuposto que os alunos já produzam textos com alguma qualidade, o que não é visível na turma em questão. Posto isto, uma vez mais, esta investigação procura promover momentos de escrita criativa, momentos de escrita livre, sem esquecer a matéria a lecionar na área curricular de EM.

3. Planificação - grelhas de orientação do trabalho interdisciplinar entre o português e o estudo do meio

Neste ponto do relatório, serão apresentadas as grelhas onde estarão contempladas as planificações interdisciplinares de português e EM.

Estas grelhas têm como objetivo auxiliar todo o processo de planificação das atividades propostas que, na sua maioria, foram aplicadas na turma de 3.º ano, no âmbito da prática de ensino supervisionada em 1.º CEB. A partir deste suporte, é fundamental que se preencham todos os campos sugeridos, uma vez que facilitará o processo de leitura da planificação, bem como a consequente intervenção pedagógica.

Título da história		
Capa do livro da história	Imagem da capa do livro	
Ficha Técnica:	Autor	Nome
	Ilustrador	Nome
	Editores	Nome
	Ano	Data
Sinopse	Descrição da história	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio:	Apresentação de sugestões de atividades a trabalhar na sala de aula, podendo referir excertos das histórias que possibilitem a interdisciplinaridade entre as duas disciplinas.	
Nome da atividade:	Nome	
Material necessário:	Materiais necessários ou instrumentos para imprimir.	

Conteúdos:	Conteúdos segundo o programa de Estudo do Meio do Ensino Básico.
Objetivos:	Objetivos segundo as Metas Curriculares de Estudo do Meio do Ensino Básico.
Descrição:	Descrição da atividade.
Perguntas de exploração	

Tabela A - Grelha de orientação do trabalho interdisciplinar.

No final de cada aula interdisciplinar, os alunos tiveram oportunidade de avaliar a sessão, preenchendo uma grelha, baseada no exemplo subsequente. Desta avaliação, surgiram os resultados da investigação, que sustentam a prática da intervenção investigativa. No término de cada sessão interdisciplinar, foi elaborado um relatório que regista todos os dados recolhidos das avaliações dos alunos, bem como da avaliação adjacente da professora titular de turma. Estes dados servirão para provar a viabilidade da presente investigação.





Vamos avaliar a nossa aula			
Título da atividade		Identificação do aluno	
O que vou avaliar	Avaliação		
			
O que mais gostei?			
Para cada atividade serão elencadas pelo menos três tarefas realizáveis na aula.			
O que menos gostei?			
Para cada atividade serão elencadas pelo menos três tarefas realizáveis na aula.			
Onde senti mais dificuldade?			
Para cada atividade serão elencadas pelo menos três tarefas realizáveis na aula.			
O que quero aprender?			
Resposta aberta.			
Sinto que posso melhorar em...			
Resposta aberta.			

Tabela B - Grelha de avaliação da atividade (preenchida pelos alunos da turma).

Vejamos a título ilustrativo uma proposta de planificação, tendo em conta uma obra do PNL apresentada para o 3.º ano de escolaridade do 1.ºCEB.

Título da história	As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da senhora Adriana	
Capa do livro da história		
Ficha Técnica:	Autor	Rosário Alçada Araújo
	Ilustrador	Afonso Cruz
	Editora	Texto Editores
	Ano	2013
Sinopse	<p>Há dias estranhos na vida de toda a gente, mas o Dr. Serafim nunca teve um tão misterioso como aquele em que ia dar consulta à senhora Adriana. Nesta divertida história podes reconhecer uma série de onomatopeias. Depois de a leres, vais, de certeza, dar mais atenção à pontuação.</p>	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio	O sistema respiratório	
Material necessário	<p>Imagem do sistema respiratório (Anexo I – Imagem ilustrativa do sistema respiratório);</p> <p>Projeto;</p> <p>1 Garrafa de 1,5L por cada 4 alunos;</p> <p>2 Balões por cada 4 alunos;</p> <p>Palhas;</p> <p>Plasticina;</p> <p>Caderno para registos de experiências;</p> <p>Manual de português;</p> <p>Manual de EM;</p>	

	<p>Materiais de escrita;</p> <p>Projeção do Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=vIY3AOnqLtk;</p> <p>Colunas.</p>
Conteúdos:	Bloco 1 – À descoberta de si mesmo
Objetivos:	<p>2. O seu corpo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar fenómenos relacionados com algumas funções vitais: respiração (movimentos respiratórios, falta de ar) ▪ Conhecer as funções vitais (respiratória) ▪ Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, pulmões)
Descrição:	<p>Após a leitura e exploração do texto, a turma deveria dividir-se em grupos de 4 elementos. Seguidamente, dava-se início à aprendizagem do sistema respiratório, recorrendo a um excerto da história: (...) <i>para ver se conseguia curar aquela bronquite</i>. A docente deveria colocar questões aos alunos de modo a despertar-lhes o interesse por querer descobrir respostas às suas dúvidas. Após a primeira análise e conclusão das questões a professora projetava no quadro uma imagem ilustrativa do sistema respiratório, enquanto os alunos, simultaneamente, abriam o manual escolar. Nos grupos, as crianças deveriam realizar os movimentos respiratórios – inspiração e expiração - primeiro sozinhos e depois deveriam observar o colega do lado para assim perceberem o movimento do diafragma. No final deste exercício, a turma visualizava um vídeo sobre o sistema respiratório e posteriormente realizavam um simulador dos sistema respiratório.</p>
Perguntas de exploração:	<p>O que será a bronquite?</p> <p>Uma doença?</p> <p>De que órgão?</p> <p>E o órgão faz parte de que sistema?</p>

Tabela C - Proposta de planificação do texto: As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da senhora Adriana, de Rosário Alçada Araújo.

III. Apresentação e descrição da proposta de intervenção

No presente ponto apresentar-se-á os resultados obtidos, após a aplicação das planificações das aulas proposta para a fundamentação do presente relatório. Deste modo, planificaram-se cinco aulas em que os conteúdos abordados foram sustentados pelos Programas e Metas Curriculares de Português e de EM, preconizados para o 3.º ano de escolaridade do 1.º CEB. Para além destes últimos, recorreu-se às propostas do PNL. Há exceção de uma aula, todas as outras foram sustentadas com um livro ou uma história, propostos pelo plano anteriormente mencionado.

Os materiais e análises que se seguem foram realizados ao longo da prática de ensino supervisionada e, em todas as planificações que se apresenta, *unem-se* conteúdos de Português e de EM. As planificações apresentam-se de forma cronológica, e organizadas de forma crescente.

Gómez (citado por Lopes & Silva, 2012) afirma que

a avaliação é um indicador que permite determinar a eficácia e o grau de avanço do ensino-aprendizagem e a formação dos alunos, uma vez que permite ao professor julgar o seu próprio trabalho e refletir sobre ele para o redirecionar e corrigir, de forma a contribuir significativamente para melhorar o ensino, e assim, promover uma melhor aprendizagem (p.1).

Ora, a avaliação das atividades executadas em sala de aula é, sem dúvida, um aspeto crucial para o desenvolvimento deste projeto. O professor de 1.º CEB deve estar consciente das suas intervenções para poder melhorar sempre a sua intervenção, em prol dos seus estudantes. Deve ainda procurar melhorar os processos de ensino-aprendizagem, promovendo aulas pedagogicamente pensadas para os alunos, de modo a que estes se sintam sempre enquadrados e motivados com as aprendizagens surtidas das aulas.

Foi ainda nas avaliações realizadas pelo grupo de estudantes que se deu a oportunidade destes exporem as suas maiores dúvidas e dificuldades para que a professora estagiária conseguisse estar a par das necessidades dos seus alunos e planificar aulas destinadas à melhoria das lacunas encontradas/identificadas no grupo.

Título da história	“O dia em que o meu bairro ficou em pantanas”	
Capa do livro da história		
Ficha Técnica:	Autor	Rosário Alçada Araújo
	Ilustrador	Afonso Cruz
	Editora	Texto Editores
	Ano	2009
Sinopse	Um pequeno mal-entendido dá lugar a uma série de episódios hilariantes num bairro que, durante algumas horas, fica de pantanas.	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio:	O itinerário do bairro e o comércio local.	
Material necessário:	Tabela I – Descrição dos locais; Mapa Ilustrativo – Itinerário das personagens; Imagens dos locais de comércio; Planificação Textual – Agora é a tua vez...; Registos dos processos de orientação.	
Conteúdos:	Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços	
Objetivos:	<ol style="list-style-type: none"> Os seus itinerários: <ul style="list-style-type: none"> Descrever itinerários não diários Localizar pontos de partida e de chegada Traçar itinerários Localizar espaços em relação a um ponto de referência: <ul style="list-style-type: none"> Identificar processos de orientação 	

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer os pontos cardeais <p>3. Os diferentes espaços do seu bairro ou da sua localidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer as funções desses espaços ▪ Representar esses espaços (desenhos, pinturas...) ▪ Localizar esses espaços numa planta do bairro ou da localidade <p>5. O comércio local:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...): <ul style="list-style-type: none"> ○ O que vendem; ○ Onde se abastecem; ○ Como se transportam os produtos;
<p>Descrição:</p>	<p>Antes de se iniciar a leitura da história, a professora estagiária pede ao grupo de crianças que registe os locais do bairro por onde as personagens passem. No final da leitura e depois dos locais estarem recolhidos, em conjunto, os alunos devem rever todos os locais de comércio que anotaram.</p> <p>Depois da leitura e da recolha, a professora estagiária deverá mostrar às crianças um exemplo de mapa com o itinerário que as duas senhoras percorreram. Após a revisão dos itinerários e deslocações, os alunos começavam a exploração dos locais por onde as personagens da história passaram. Esta atividade deve ser cruzada com os conteúdos a abordar na área curricular de estudo do meio. Assim, os alunos devem perceber a importância dos locais de comércio para o dia-a-dia, como funcionam, que artigos vendem, como se abastecem, como são transportados os produtos, entre outras curiosidades que pudessem surgir por parte da turma.</p> <p>Na última parte da aula, os alunos devem escrever um texto que descreva o itinerário que as personagens fizeram, abolindo as peripécias ao longo da história, focando-se somente na descrição do itinerário. Aproveitando excertos da história: - <i>E agora, dona Vitória? Seguimos para este ou</i></p>

	<p><i>para oeste? Para sul ou para norte?</i> a professora estagiária fará a revisão dos processos de orientação.</p> <p>Como proposta para a família, a professora estagiária irá aos alunos que juntamente com os pais e/ou encarregados de educação realizem o itinerário percorrido todos os dias de casa ao colégio. Para a apresentação os alunos puderam optar por recolher uma fotografia da plataforma <i>GoggleMaps</i>, desenho, construção com imagens, entre outras. O limite de entrega será de uma semana, sendo que as crianças iram apresentar no último dia para entrega.</p>
Perguntas de exploração:	<p>O que acham que estamos a observar?</p> <p>Que local deve ser este?</p> <p>O que se vende aqui?</p> <p>Como é que nos conseguimos orientar pelo espaço?</p> <p>Que pontos de orientação existem? Conhecem?</p>

Tabela D - O dia em que o meu bairro ficou em pantanas, de Rosário Alçada Araújo

Análise dos resultados

A presente planificação foi a primeira a ser aplicada nesta lógica de trabalho interdisciplinar. Num primeiro momento foi explicado aos alunos todo o processo que iria decorrer durante a aula para que estes percebessem todo o enredo.

Referentemente à primeira abordagem do conteúdo interdisciplinar, a professora estagiária distribuiu uma grelha de registos em que os alunos deveriam colocar os locais de comércio que escutavam ao longo da história lida pela estudante. Durante a leitura da história, foi pedido aos alunos que escutassem com atenção todos os locais que fossem referidos, sendo eles comerciais ou não. No final da leitura, efetuou-se a correção em grupo dos locais que todos os alunos tinham anotado. Verificada esta tarefa, os alunos completaram a grelha de registos dos locais, em que era pretendido que os alunos anotassem os locais que escutaram e, seguidamente, os descrevessem. Esta atividade foi realizada em conjunto uma vez que a professora estagiária queria explicar, pormenorizadamente, todos os aspetos e serviços prestados por estes locais públicos/privados.

A intencionalidade da tarefa anterior surtiu na necessidade de introduzir a matéria de EM, orientada pelo Programa Curricular do ME. Assim, preferiu-se fugir do mais habitual, observado em aulas anteriores, que se regia por lecionar um conteúdo de EM,

sem que se fizessem paralelismos com as outras áreas curriculares. Durante a explicação dos locais de comércio mencionados na história, a professora estagiária mostrava uma apresentação do mapa ilustrativo do espaço onde decorria a ação da história e cada um dos espaços remetiam para imagens características dos mesmos (Anexo II – Mapa ilustrativo da cidade).

Na presente aula, para além de se ter trabalho os conteúdos já referidos na tabela anterior, também se abordou conteúdos de português: compreensão oral de um texto, descrição de um local da ação, interpretação do texto, identificação de personagens.

Os aspetos mais fortes da aula foram a descrição dos locais de comércio e a interpretação do itinerário das personagens. Os alunos mostraram interesse por descobrirem os serviços prestados em cada um dos locais, uma vez que nos dias de hoje é difícil se encontrarem locais tão característicos como os que a história fala, como por exemplo: mercearias, sapateiros. Ao longo da aula, os próprios alunos referiram, bastantes vezes, que estes locais agora estavam agrupados num só local, fazendo inferência com os Centros Comerciais. Este paralelo ajudou a avaliar o conhecimento dos alunos relativamente ao estudo dos locais de comércio. Ainda assim, após a análise das grelhas de avaliação dos alunos, chegou-se à conclusão que estes se mostraram bastante recetivos com esta lógica de trabalho, uma vez que colaboram e tiveram comentários pertinentes. Após a análise dos resultados constata-se que, de uma forma geral, os alunos ficaram bastante satisfeito com a dinâmica da aula. A metodologia utilizada, os materiais definidos e a estratégia delineada para a aula fomentaram todo o envolvimento dos alunos no prisma interdisciplinar. A escolha dos materiais foi pensada em prol das motivações da turma, uma vez que se considera que se os alunos se sentirem parte central na aprendizagem aprendem muito melhor e com muito mais entusiasmo. Assim, como se comprova nos seguintes dados, analisados e estruturados, a turma demonstra principal interesse e gosto na maioria das vertentes avaliativas utilizadas.

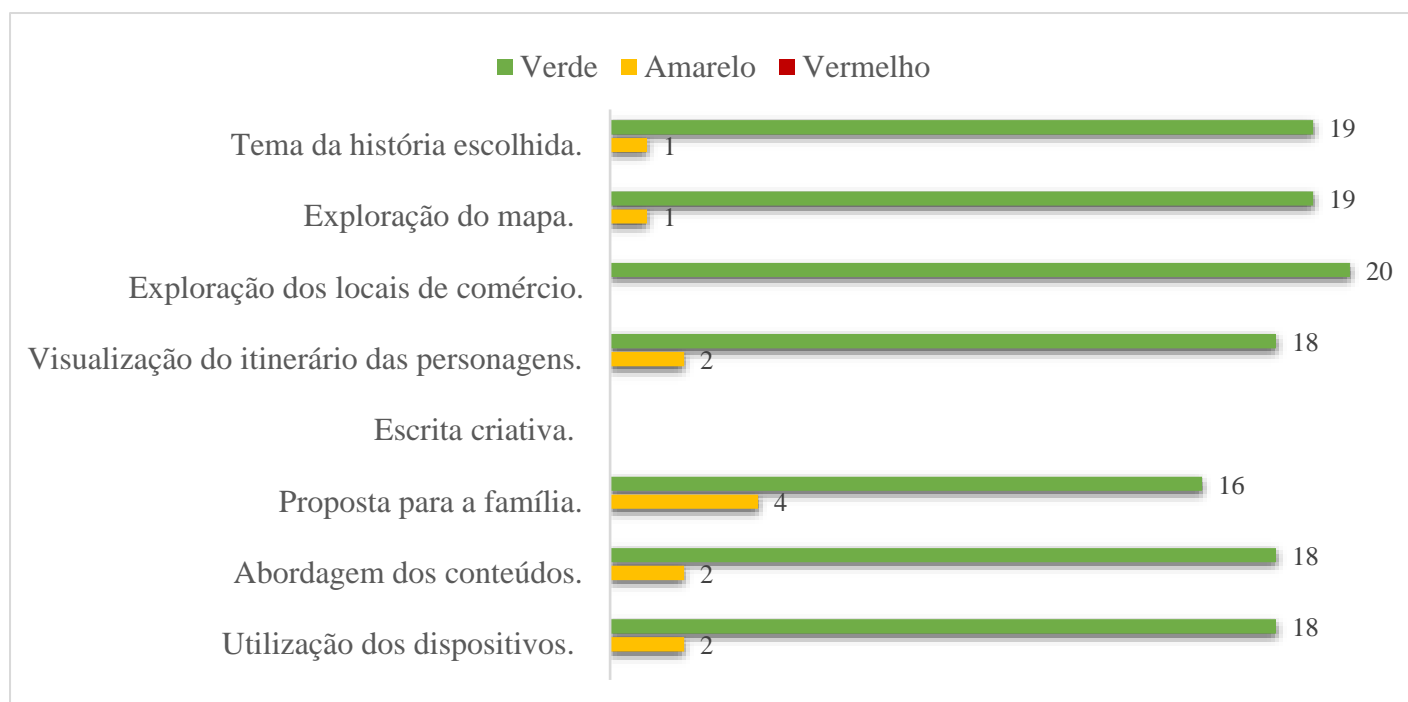



Gráfico I - Avaliação da aula: os locais de comércio.

Título da história	“Ungali”	
Capa do livro da história		
Ficha Técnica	Autor	Elsa Serra
	Ilustrador	Carlota Flieg
	Editores	Porto Editora
	Ano	2015
Sinopse	<p>Quando não chove durante muito e muito tempo, os rios e as plantas secam, e os animais ficam sem água e sem comida. Como será que vão resolver este problema? Qual será o animal mais corajoso, que salvará todos os outros?</p> <p>Ungali é uma história surpreendente da selva africana, onde a magia também acontece.</p>	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio:	Animais pelo mundo	
Material necessário:	<p>Tesouras;</p> <p>Cola;</p> <p>Cola patafix;</p> <p>Pioneses;</p> <p>Cartolinas;</p> <p>Cartões com animais;</p> <p>História;</p> <p>Questionário sobre a história;</p> <p>Código por decifrar.</p>	
Conteúdos:	Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural	
Objetivos:	1. Os seres vivos do ambiente próximo:	

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comparar e classificar animais segundo as suas características externas e modo de vida. <p>2. Aspetos físicos do meio local:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Distinguir meios aquáticos existentes na região: <ul style="list-style-type: none"> ○ Localizar em mapas;
Descrição:	<p>A aula iniciará com a decifração de um código que revela o tema da presente sessão: Animais pelo mundo.</p> <p>Seguidamente, a professora estagiária destapará o quadro onde estará colado um mapa-mundo (anexo III – Mapa-Mundo). Deste modo, explicará aos alunos o seguimento da presente aula.</p> <p>Na continuação da aula, a estagiária irá colocar o áudio da história proposta pelo PNL: “Ungali”. Após esta audição, os alunos deverão responder a um questionário interpretativo da presente história.</p> <p>A atividade seguinte terá como foco principal o Estudo do Meio, em que os alunos, a pares, deverão retirar de uma caixa um cartão (anexo IV – Cartões com informações dos animais) com a imagem de um animal e ler a informação que se encontra na mesma. Informação esta que transmitirá aos alunos a região da localização desses animais. Assim, os estudantes devem depois colocar a imagem na respetiva zona do mapa.</p> <p>Como proposta para a família, a professora estagiária irá pedir aos pais que elaborem uma pesquisa, juntamente com os seus filhos, sobre os animais em vias de extinção, fazendo especial enfoque à espécie de animal preferida. Esta pesquisa tem como objetivo sensibilizar os alunos para a importância da preservação dos ambientes naturais, que muitas vezes às mãos do Homem sofrem desgastes bárbaros.</p> <p>A aula terminará com o preenchimento da grelha de avaliação das aprendizagens surtidas desta sessão.</p>
Perguntas de exploração:	<p>Que espécies de animais conhecem?</p> <p>Onde habitam os (...)?</p> <p>Esta espécie de animal conseguiria viver numa zona quente/ fria?</p> <p>Quais os continentes do mundo?</p>

Tabela E – Ungali, de Elsa Serra.

Análise dos resultados

A presente aula foi planificada com a intencionalidade de rever os conteúdos de EM: “Animais pelo mundo”. Como tal, pensou-se numa história, uma vez mais, proposta pelo PNL, para introduzir o tema a ser revisto. Ora, no início da aula, distribuiu-se um código de imagens (anexo V – Código de motivação para a aula – Animais pelo Mundo) para que os alunos o decifrassem e percebessem o tema da presente aula. Esta dinâmica de fator descoberta resultou muito bem e motivou os alunos para as aprendizagens da aula. Após a decodificação das imagens anteriores, os alunos tiveram como tarefa escutar e retirar as informações que considerassem mais pertinentes ao longo da audição da história “Ungali”. Durante a audição da história destaca-se a capacidade auditiva dos alunos, uma vez que a informação retirada foi bastante pertinente para as respostas à ficha de interpretação textual. Numa próxima experiência, e após a avaliação da professora cooperante, procurava-se alterar a estratégia de interpretação textual, uma vez que, apesar de a correção ter sido efetuada através do recurso digital *PowerPoint*, tornou-se maçador para os alunos terem que registar as mesmas numa perspetiva mais tradicional, ou seja, através do recurso a uma ficha com questões. Contudo, ao longo do diálogo fomentado durante a resolução e correção da ficha, os alunos mostraram ter percebido o texto escutado, bem como a mensagem que o mesmo tinha para transmitir, pois conseguiram responder a todas as questões sem dificuldade.

No final da interpretação textual, realizada com o intuito de esclarecer os alunos quanto à informação da história, assim como fomentar o sentido interpretativo do texto, introduziu-se o conteúdo de EM. Consequentemente, por grupo de trabalho, um aluno retirou de uma caixa um cartão que contemplava a imagem de um animal e as informações gerais do mesmo, como por exemplo: nome comum, nome científico, distribuição geográfica, habitat natural e hábitos alimentares. Primeiramente, o aluno que retirou o animal da caixa teve de proferir uma opinião relativamente ao habitat natural do mesmo. Posteriormente, e depois do aluno responder pôde virar o cartão e comprovar a sua teoria, bem como as restantes informações existentes. Assim que o aluno terminasse a leitura, levantava-se e dirigia-se ao quadro onde constava um mapa-mundo com os diferentes continentes. Os alunos tiveram então de colocar o animal no respetivo local. Esta atividade foi bastante apreciada pelo grupo de alunos, uma vez que nas aulas posteriores voltaram a pedir para realizarem esta tarefa. No entanto, através da avaliação dos resultados da turma, percebeu-se que o gosto dos alunos em repetir a aula não era por dificuldade em compreender o conteúdo consolidado, mas sim por quererem ir ao quadro

e preencher o mapa na sua totalidade. Este foi um aspeto negativo da aula, uma vez que não se teve tempo de permitir que todos os alunos fossem ao quadro colocar o seu animal. No entanto, todos os alunos participaram na dinâmica da aula, pois em grupo poderiam discutir a informação correta.

Ainda na presente aula, os alunos seriam desafiados a realizar uma pesquisa relacionada com os animais em vias de extinção, mas já tinham realizado esse trabalho numa outra unidade curricular. Foi então decidido que não realizariam esta tarefa, uma vez que já a tinham feito não fazia sentido repetirem.

Quanto à utilização dos materiais para esta aula, considera-se que a diversidade dos mesmos e o facto de a aula começar através de um enigma motivou os alunos da turma de modo a que estes estivessem estado concentrados e interessados na restante sessão. Uma vez que se considera que os materiais podem ser facilitadores e motivadores de toda a aprendizagem da aula, procura-se a cada aula diversificar os materiais e inovar a prática pedagógica.

A apreciação da professora cooperante, tal como já foi referido anteriormente, facilitou a avaliação relativa às fichas de interpretação utilizadas. Também a docente registou a necessidade de se ter utilizado outro recurso para que os alunos registassem as respostas. Assim, ter-se-á atenção nas próximas aulas à mudança de metodologia.

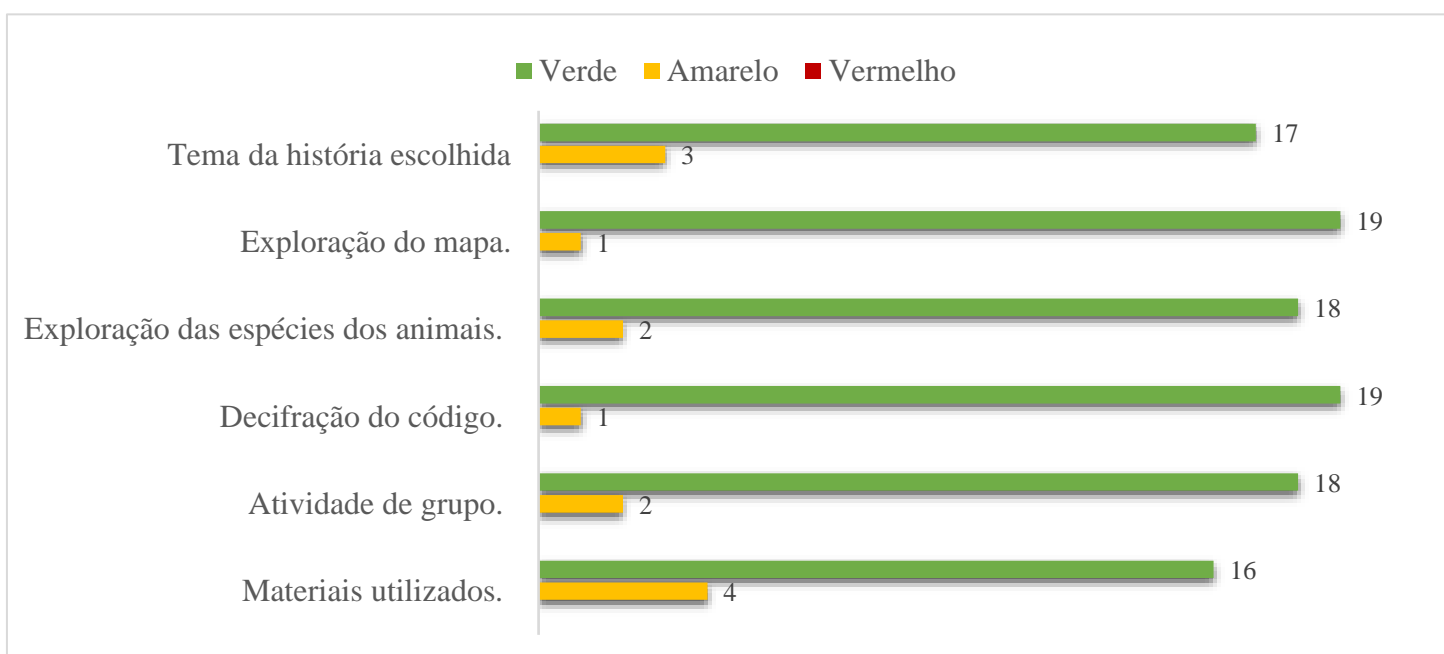


Gráfico II - Avaliação da aula: animais pelo mundo

Título da notícia	“É assim a vida de (jovem) agricultor”	
Capa do livro da história		
Ficha Técnica:	Autor	Alexandra Prado Coelho
	Ilustrador	-----
	Editores	Público
	Ano	2013
Sinopse	<p>Entreajuda é a base da sobrevivência no mundo rural e Rui conta com apoio de amigos e vizinhos. Acredita que é importante apostar nos legumes e frutas da região e faz agricultura biológica: "Enquanto o convencional se preocupa com as plantas e, se aparece uma lagarta, vá de inseticida, no biológico trabalhamos com a cadeia alimentar que existe nos primeiros centímetros do solo, que é até onde vai a raiz dos hortícolas"</p>	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio:	As atividades económicas do meu meio – A agricultura	
Material necessário:	<p>Notícia do Jornal Público; Matérias-primas da agricultura; Produtos finais das matérias anteriores; Tabela de registo dos resultados; PowerPoint com as diferentes fases dos processos agrícolas.</p>	
Conteúdos:	Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.	
Objetivos:	<p>4. A agricultura do meio local:</p> <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a agricultura como fonte de matérias-primas (trigo/farinha, tomate/concentrado, uvas/vinho...). 	

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar alguns fatores naturais com influência na agricultura (clima, solo, relevo). ▪ Fazer o levantamento de algumas técnicas utilizadas pelo homem para superar dificuldades originadas por fatores naturais (estufas, rega, socacos, adubação...). ▪ Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente resultantes do uso de produtos químicos na agricultura (cuidados a ter com o uso de pesticidas, herbicidas, adubos químicos...).
<p>Descrição:</p>	<p>A presente aula terá início com as seguintes questões: O que é a agricultura? O que faz um agricultor? Após a audição de algumas respostas dos alunos a professora estagiária iniciará a leitura de uma notícia sobre a vida de um agricultor. Esta foi retirada do jornal: O Público e, sendo assim sofreu algumas supressões devido à sua extensão de texto.</p> <p>Ao longo da leitura da notícia, a professora estagiária fará algumas inferências relacionadas com a matéria de estudo do meio, de modo a que os alunos percebam o encadeamento da mesma.</p> <p>No final desta primeira tarefa, os alunos deverão iniciar um debate em que expliquem o que perceberam da notícia que acabaram de ouvir, bem como relatem aprendizagens que retiraram daquela leitura. Após esta tarefa, a estagiária irá apresentar algumas matérias-primas provenientes da agricultura para iniciar a introdução ao estudo da agricultura. Assim, os alunos poderão observar o produto retirado dos meios agrícolas, bem como o seu produto final.</p> <p>No caderno diário os alunos irão colar uma tabela em que deverão preencher conforme a professora estagiária for demonstrando os produtos; de um lado colocam a matéria-prima e do outro lado o produto final.</p> <p>Seguidamente, os alunos poderão visualizar uma apresentação digital com as diferentes fases dos processos agrícolas, bem como os cuidados a ter com os produtos químicos utilizados neste ramo. Deste modo, irá ser feita uma ponte com o trabalho de pesquisa que irá ser pedido aos</p>

	<p>alunos. Este último consistirá na elaboração de uma pesquisa sobre um produto agrícola à escolha do aluno e este deve preencher uma grelha de obtenção de resultados, fornecida pela estudante de mestrado.</p> <p>No final da aula, os alunos deverão preencher a grelha de avaliação da aula.</p>
Perguntas de exploração:	<p>O que é a agricultura?</p> <p>Em que consiste o trabalho de um agricultor?</p> <p>O que são produtos agrícolas?</p> <p>Quais as técnicas utilizadas pelos agricultores?</p> <p>Já viste algum profissional destes e trabalhar?</p>

Tabela F – Entrevista a um jovem agricultor (publicada pelo Jornal O Público).

Análise dos resultados

A presente aula cumpriu os primeiros objetivos propostos uma vez que iniciou com o debate planificado. Os alunos foram inquiridos com questões relacionadas com a agricultura, uma vez que a aula centrou-se neste conteúdo EM. Durante o debate, percebeu-se que os estudantes sabiam fomentar as intervenções que diziam, pois perante tantas respostas percebeu-se que afinal, a atividade que se pensava ser esquecida pelos alunos, visto que vivem numa sociedade muito mais tecnológica, estava muito presente nas suas vidas. Chegou-se a esta conclusão, porque muitos alunos comentaram que os seus avós ou familiares possuíam hortas, quintais ou grandes quintas com plantações e uma das atividades preferidas dos estudantes era poder ajudar nas tarefas da agricultura. Seguidamente, continuando o assunto a ser estudado nesta aula, a professora estagiária iniciou a leitura de uma notícia que tinha por base a vida de um jovem e principiante agricultor. Nesta aula, pretendeu-se utilizar um instrumento de leitura diferente que os textos recomendados pelo PNL, uma vez que se considerou mais pertinente para a dinâmica da aula e se efetuou a revisão de textos informativos, conteúdo lecionado no 3.º ano do 1.º CEB, na área curricular de Português.

Durante a leitura da notícia, foi pedido aos alunos que expusessem as dúvidas que fossem surgindo. Assim sendo, os estudantes iam intervindo com questões ligadas a termos agrícolas, o que fazia com que a estagiária pudesse intercalar a interpretação de um texto informativo com a aquisição de conteúdos ligados ao EM.

No final da tarefa, a estagiária apresentou alguns produtos agrícolas, como laranja, tomate, espiga de trigo, uvas, azeitonas e mostrou aos alunos o seu produto final dos

mesmos. Deste modo, conseguiu-se demonstrar aos alunos que através das matérias-primas recolhidas da agricultura conseguimos produzir outros produtos alimentares. Foi então pedido aos alunos que pensassem noutros exemplos de matérias-primas e produtos finais. Ao logo da apresentação das matérias-primas, os alunos registaram as mesmas numa tabela destinada a essa informação (anexo VI - Tabela com matérias agrícolas e produtos finais). Tendo em conta um dos nossos propósitos, pretendeu-se que os alunos adquirissem um lembrete exemplar deste conteúdo – as matérias-primas e os produtos finais dos produtos agrícolas - para que, posteriormente, pudessem auxiliar o estudo da matéria.

De modo a explicar as fases dos processos agrícolas, exibiu-se uma apresentação digital exemplificativa das mencionadas anteriormente, o que levou a turma a compreender melhor a atividade profissional de um agricultor, uma vez que devem ter os cuidados apresentados em todos os produtos que cultivem. Foi também com a intencionalidade de fazer uma correlação com o trabalho de pesquisa proposto que se pensou em apresentar as fases em formato digital de modo a despertar a atenção dos estudantes para a aquisição de conteúdos. Conclui-se assim que o facto de se ter optado por esta estratégia foi uma mais-valia para a aula, pois motivou a turma, ajudou os alunos a focarem-se na aula e despoletou novas aprendizagens.

O trabalho de pesquisa proposto centrou-se na recolha de informação sobre os processos e cuidados a ter com o cultivo de uma planta. Deste modo, os estudantes tiveram de registar as informações recolhidas num instrumento de recolha de informações (anexo VII – Registo do trabalho de casa). Uma semana depois, procurou-se observar e recolher os trabalhos de pesquisa efetuados pelos alunos, no sentido de compreender a adesão dos estudantes ao presente trabalho, bem como perceber se aqueles que o fizeram compreenderam o propósito e a intencionalidade da pesquisa. A avaliação realizada aos trabalhos realizados foi bastante positiva, pois os alunos que o fizeram recolheram a informação necessária de forma sucinta e esclarecedora. Contudo, só treze alunos (de vinte e um) cumpriram a tarefa proposta.

Foi também no final da sessão que os estudantes preencheram a grelha de avaliação, sugerida para todas as aulas em que se aplica a presente investigação.

Deste modo, depois de se recolherem as avaliações e se efetuar uma avaliação das mesmas chegou-se à conclusão de que a aula foi bastante apreciada pelo grupo de estudantes, tendo a alínea do debate sofrendo o primeiro ponto negativo, o vermelho. Na

sua maioria os alunos gostaram de todas as atividades levando então a uma avaliação dos resultados bastante positiva.

Referentemente à avaliação da professora cooperante, esta propôs uma maior diversidade de materiais para a exploração da presente aula. Contudo, os parâmetros de avaliação mantêm-se enquadrados no valor mais elevado, com a exceção aos materiais utilizados que se situa com uma avaliação mediana.

Em suma, somos da opinião pessoal que a presente aula correu bastante bem e com afluência geral de todos os alunos da turma. Se possível, seria uma aula a continuar, uma vez que nas apreciações dos alunos eles referiram que ainda sentem algumas dificuldades na compreensão e aquisição do conhecimento das fases dos processos agrícolas.

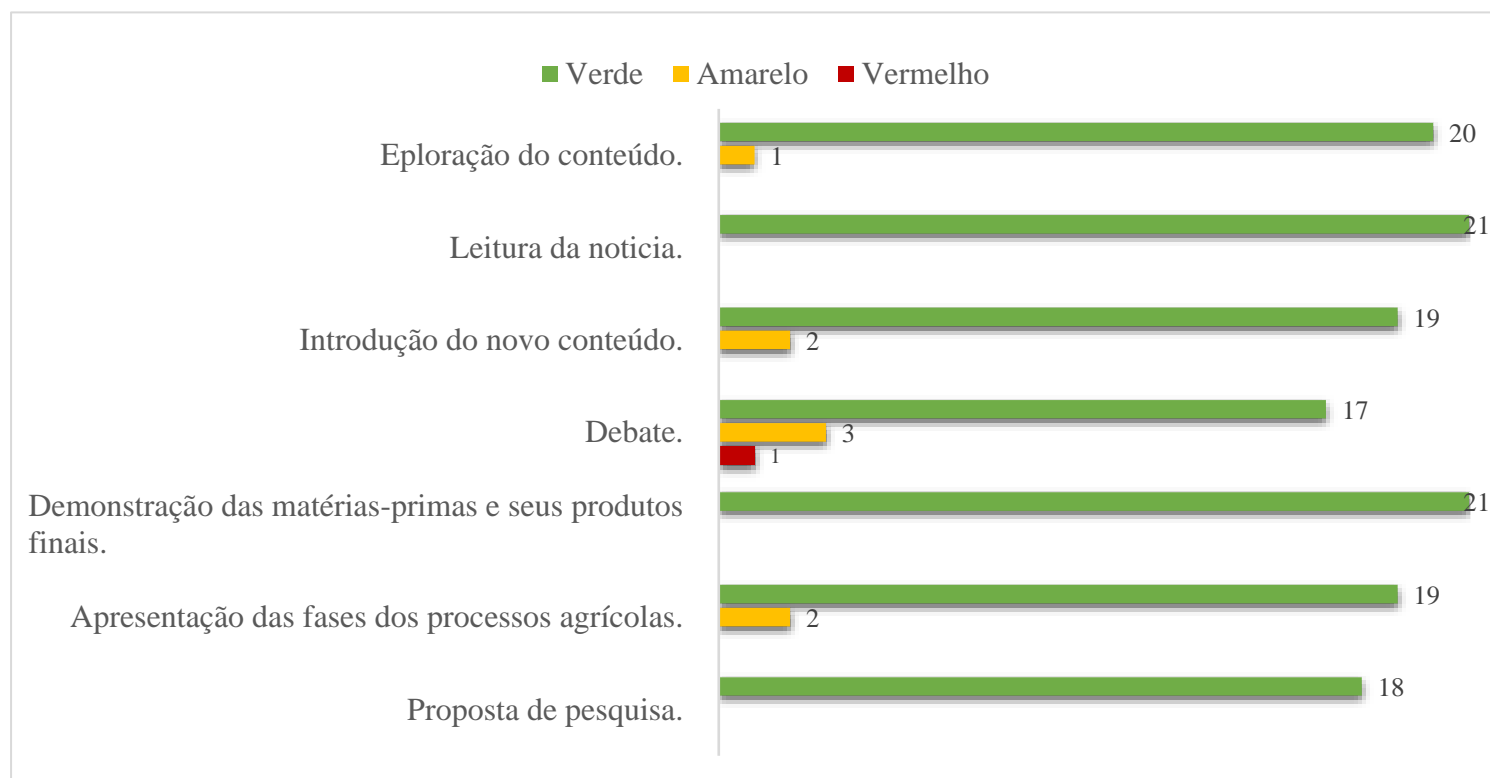


Gráfico III - Avaliação da aula: É assim a vida de (jovem) agricultor

Título da história	“Rosa e os Feitiços do mar”	
Capa do livro da história		
Ficha Técnica	Autor	Manuela Costa Ribeiro
	Ilustrador	Carla Nazareth
	Editores	Trinta por uma linha
	Ano	2010
Sinopse	<p>Esta narrativa de Manuela Costa Ribeiro tem como protagonista uma menina de seis anos, de nome Rosa, que vive uma experiência que lhe muda a vida: Cantarolava Rosa, no seu ar feliz. Sorriso de alface num rosto pintalgado de sardas. Cabelo ruivo, preso por duas tranças longas e finas, atadas com laços de trapos. Olhos castanhos incendiados de luz. (...) A partir desse dia, Rosa, doente, desfaleceu num mundo de apatia. Depois da experiência da surdez, são os feitiços do mar que fazem regressar o canto e o sorriso ao rosto de Rosa.</p>	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio:	A atividade piscatória.	
Material necessário:	<p>Livro: “Rosa e os Feitiços do mar”;</p> <p>Áudio da história;</p> <p>Cestos;</p> <p>Mesas;</p> <p>Imagem de espécies de peixes de água salgada e doce;</p> <p>Perguntas de interpretação da história;</p> <p>Questões gramaticas com conteúdos de EM;</p> <p>Lápis e Borracha;</p> <p>Bilhete de entrada;</p>	

	<p>Lembrete do mercado;</p> <p>Canas de pesca;</p> <p>Íman;</p> <p>Fio norte;</p> <p>Tecidos azuis.</p>
Conteúdos:	Bloco 6 — À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.
Objetivos:	<p>4. A atividade piscatória no meio local:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Fazer o levantamento de locais de pesca da região (mar, rios, lagoas, albufeiras). ▪ Fazer o levantamento das principais espécies pescadas na região (peixes, crustáceos, bivalves...). ▪ Reconhecer a pesca como fonte de alimentos. ▪ Reconhecer a pesca como fonte de matérias-primas (conservas, farinha de peixe...). ▪ Reconhecer formas de criação de peixes em cativeiro (viveiros de trutas, achigãs...). ▪ Identificar alguns fatores que podem pôr em perigo as espécies aquáticas (poluição, pesca excessiva...). ▪ Fazer o levantamento de algumas técnicas de pesca (tipo de barcos, de redes...). ▪ Reconhecer formas de comercialização e conservação do pescado (lotas, redes de frio...).
Descrição:	<p>A aula planificada será lecionada às três turmas do 3º ano da instituição em que se está a realizar a prática de ensino supervisionada, e tem como objetivo realizar uma aula interdisciplinar com Português e Estudo do Meio. Deste modo, as estagiárias das outras turmas, do mesmo ano de escolaridade, participaram ativamente no decorrer da presente sessão. Pelas 8h30min os alunos irão reunir-se nas suas salas respetivas e a primeira turma a executar a atividade será o 3º C, sendo que a aula terá a duração de 35 minutos para cada turma. A segunda turma é a do 3ºA e após o intervalo será a turma do 3ºB. Desta forma, a atividade interdisciplinar consiste na disposição do ginásio do pré-escolar em</p>

	<p>quatro estações. Em cada estação estará uma estagiária a auxiliar os alunos, sendo que, na primeira estação a atividade é coletiva, ou seja, estarão as três estagiárias com a turma. Assim sendo, na primeira estação dar-se-á início à audição (gravada pela estagiária) da história “Rosa e os feitiços do mar”. Esta história está relacionada com o mar e a pesca, conteúdo lecionado em Estudo do Meio. Em simultâneo à audição irão estar a ser passadas num <i>power point</i> imagens da história, com o objetivo de clarificar a imagem das crianças. É após a audição da história que a turma é dividida em 3 grupos, sendo que na segunda estação irão estar presentes questões de interpretação. No entanto, estas questões estarão em concordância com os conteúdos lecionados nas aulas de EM. Após o período de tempo estipulado para cada estação (10min), os alunos, quando ouvirem o som de uma buzina, passarão para a próxima estação. A terceira estação será de caráter gramatical em que existirão várias questões gramaticais lecionadas ao longo do ano. No entanto, quer as questões, quer as frases retiradas irão ser alusivas ao tema abordado: a pesca. A última estação irá dar lugar a um jogo de pesca, em que o grupo que está nessa estação é dividido em duas equipas e, cada equipa terá de pescar vários tipos de peixes, moluscos e crustáceos. Após a pesca surtir efeito, terão de colocar o peixe, molusco ou crustáceo obtido no balde respetivo: se são animais de água doce ou de água salgada. No final do tempo estipulado, a equipa que se sagrar vencedora receberá um prémio. As estagiárias que estão em cada estação irão dar feedback às respostas dos alunos, no sentido de os corrigirem caso estejam errados, para que assim, os alunos possam corrigir os exercícios. No final de cada aula, a turma receberá um autocolante alusivo à temática trabalhada, que servirá de registo da atividade.</p>
Perguntas de exploração:	<p>Que espécies de peixes conhecem?</p> <p>Onde habitam os peixes?</p> <p>O que é a atividade piscatória?</p> <p>Como é efetuada a conservação dos peixes?</p> <p>(...)</p>

Tabela G – “Rosa e os Feitiços do Mar”, de Manuela Costa Ribeiro.

Análise dos resultados

A presente análise refere-se à penúltima aula interdisciplinar. Nesta sessão, procurou-se realizar uma atividade em conjunto com as restantes turmas do 3.º ano da instituição onde se concretizou a prática de ensino supervisionada. Deste modo, em conjunto com o grupo de estagiárias do 3.º ano de escolaridade planificou-se uma sessão interdisciplinar com as três turmas.

Primeiramente, estava programado se fazer a sessão com uma turma de cada vez, no entanto devido a uma questão de logística as três turmas participaram conjuntamente na sessão. Sendo assim, os cinquenta e seis alunos foram divididos em quatro grupos, com catorze crianças cada um. Antes de as crianças descerem para o recinto onde estava preparado o “Mercado Interdisciplinar” – nome da atividade – escutaram nas suas salas a história sugerida, que anteriormente tinha sido gravada pela presente estagiária. No decorrer da audição da história, os alunos da turma da estudante de mestrado em questão, desenharam numa folha branca os cenários e personagens que fossem surgindo ao longo da história (anexo VIII - Criação dos cenários – “Rosa e os feitiços do mar”). Esta atividade fomentou o espírito crítico e criativo do grupo de crianças e o feedback das mesmas foi bastante positivo. Após esta primeira tarefa, os alunos desceram até ao ginásio da valência do pré-escolar onde já estavam colocados os quatro postos a ser trabalhados. Nos primeiros dois postos, os alunos encontrariam as perguntas de interpretação e as questões gramaticais relacionadas com o texto trabalhado e com o conteúdo de estudo do meio. Para isso, no primeiro posto: Dona Intérprete (anexo IX - Posto I – Dona Intérprete), os alunos deveriam recolher 3 peixes de espécies diferentes e deveriam responder às perguntas colocadas nesses mesmos. Para poderem levar os peixes consigo, os alunos deveriam responder acertadamente ao nome da espécie animal. Seguidamente, no posto número dois: Dona Gramática (anexo X - Posto II – Dona Gramática), os alunos faziam exatamente o mesmo que no posto anterior, sendo que neste caso as questões que aos peixes apresentavam eram gramaticais. Já no terceiro posto os alunos deveriam fazer uma atividade de correspondência. Aos alunos eram disponibilizados o nome dos peixes e a sua imagem ilustrativa e eles deveriam fazer corresponder o nome à espécie de peixe. Por último, no quarto posto: Senhor Pescador (anexo XI - Posto III – Senhor Pescador), os catorze alunos de um grupo, dividiam-se em dois grupos e tinham que pescar o maior número de peixes e corresponde-los corretamente aos baldes certos. Estes últimos destinavam-se a peixes de água doce e de água salgada. Após uma análise mais aprofundada das avaliações da turma, percebeu-se que a atividade teve um desempenho

excelente na aprendizagem dos alunos. O receio inicial de juntar tantos alunos numa aula só rapidamente se evaporou uma vez que os alunos souberam respeitar as regras estipuladas pelas estagiárias, bem como perceberam facilmente a dinâmica dos postos disponibilizados.

No final da atividade, cada turma regressou à sua sala. Consolidaram todas as atividades e exercícios realizados no ginásio e corrigiu-se todas as questões disponibilizadas nos peixes, bem como se efetuou um resumo e uma paráfrase oral da história estudada.

No final da segunda aula, os alunos depois de analisarem os seus desenhos correspondentes às personagens e aos espaços da ação, escreveram quatro palavras que para os estudantes caracterizassem a história. Depois desta tarefa, os mesmos deveriam tornar as palavras escritas em palavras gráficas (anexo XII - Palavras gráficas)

Em suma, depois da análise pessoal corroborar com a avaliação dos alunos percebeu-se que esta atividade foi bastante enriquecedora para o grupo de alunos, uma vez que os desafiou a aprender os conteúdos de forma diferente, num ambiente que não a sala de aula e juntamente com outros dois grupos de estudantes.

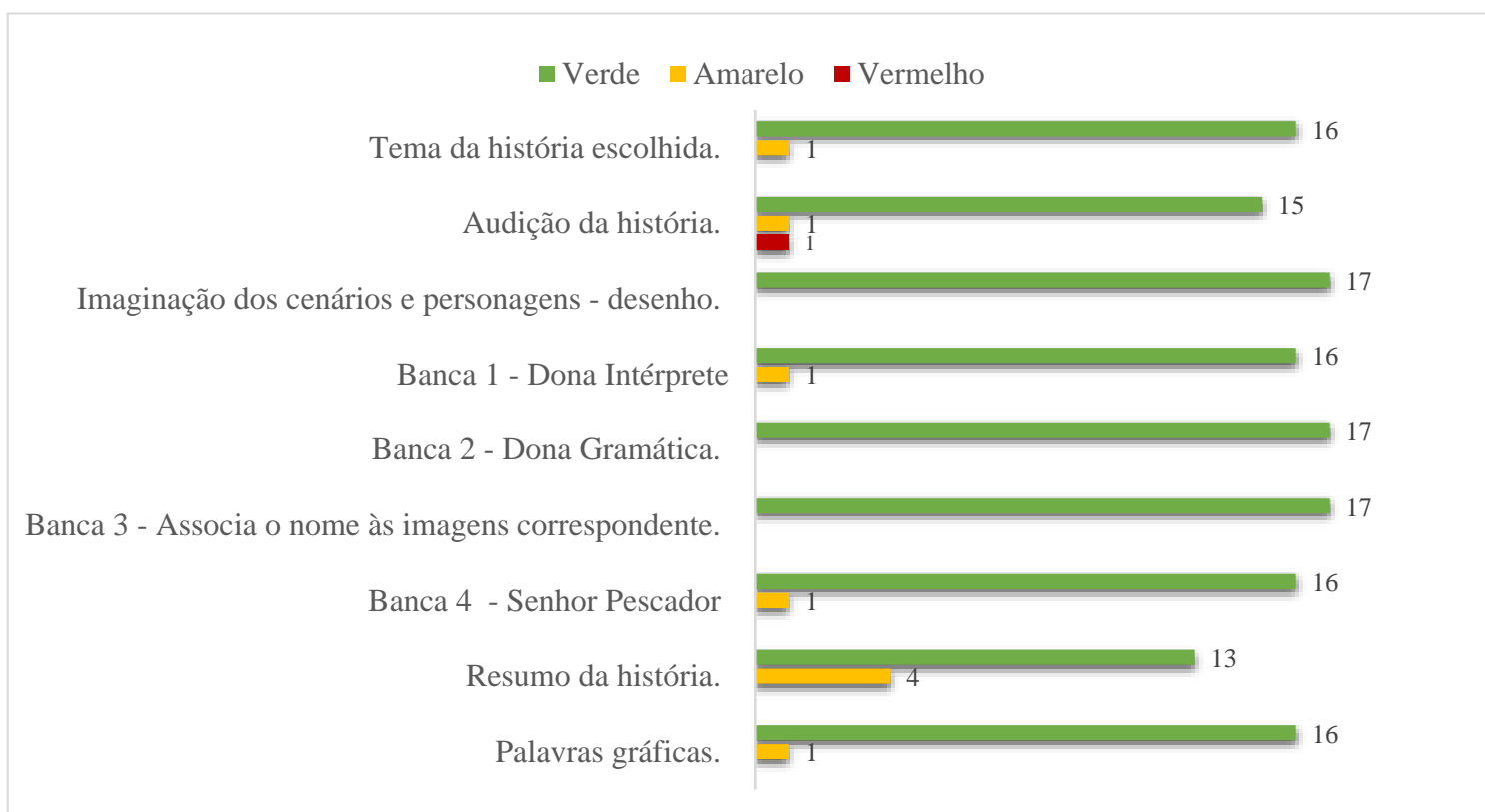


Gráfico IV - Avaliação da aula: Rosa e os Feitiços do mar

Título da notícia	“A Maior Flor do Mundo”	
Capa do livro da história		
Ficha Técnica:	Autor	José Saramago
	Ilustrador	João Caetano
	Editores	Porto Editora
	Ano	2014
Sinopse	Resumo	
Interdisciplinaridade com o estudo do meio:	Os seres vivos do ambiente próximo – As plantas	
Material necessário:	<p>Áudio da história; Resumo da história; Frascos; Sementes; Terra; Vídeo: https://lmsev.escolavirtual.pt/playerteacher/resource/44313/L?se=259&seType= Dispositivo de registo do processo de germinação; Cestos; Vegetais.</p>	
Conteúdos:	Bloco 3 — À descoberta do ambiente natural	

Objetivos:	<p>5. Os seres vivos do ambiente próximo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... (constituição de um herbário). Fazer o levantamento de algumas técnicas utilizadas pelo homem para superar dificuldades originadas por fatores naturais (estufas, rega, socacos, adubação...). ▪ Reconhecer a utilidade das plantas (alimentação, mobiliário, fibras vegetais...). ▪ Identificar alguns fatores do ambiente que condicionam a vida das plantas (água, ar, luz, temperatura, solo) – realizar experiências.
Descrição:	<p>No início da aula será entregue a cada aluno uma flor de papel e os mesmos serão questionados sobre o assunto abordado em aula. Após a introdução do conteúdo a professora estagiária entregará a cada aluno um resumo da história a trabalhar em aula: “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago. A primeira tarefa dos alunos é acompanharem a leitura da história enquanto escutam a leitura da mesma. Após a leitura, os alunos visualizaram um vídeo ilustrativo da própria história que ajudará os alunos a compreenderem o encadeamento da mesma. Seguidamente, os alunos irão realizar a interpretação da história através da manipulação de cartões com perguntas de interpretação e gramática, relacionadas com o assunto da história. Os alunos terão tempo limitado para responderem às questões e, posteriormente, efetua-se a correção da tarefa anterior através da dinamização de uma atividade com cartões coloridos. Durante uma apresentação digital, os alunos terão cartões de três cores correspondentes às três alíneas de respostas. Cada aluno levantará o cartão correspondente à cor que considere correto. No final de todas as respostas, a professora revelará os resultados corretos para que os alunos possam corrigir e avaliar as suas respostas.</p> <p>No final da interpretação, os alunos terão uma grelha de avaliação de resultados para preencherem, conforme o número de respostas que acertou.</p> <p>Após a exploração das atividades relacionadas com o conteúdo de português, a professora estagiária apresentará um vídeo disponibilizado pela plataforma Escola Virtual: “A reprodução das plantas”. A intencionalidade do vídeo surge</p>

	<p>na necessidade de introduzir o conteúdo disciplinar de estudo do meio. Após a visualização, os alunos irão preencher um dispositivo que consistirá no registo do vídeo. A atividade seguinte será a germinação de uma planta. Para isso, a Professora estagiária irá mostrar à turma uma variedade de vegetais possíveis de serem plantados nos jardins/quintais/hortas das casas dos alunos. Para isso levará um cesto com os mesmos e falará das características deles. Após a presente atividade, os alunos terão oportunidade de plantar a sua própria semente. A estagiária de educação entregará a cada aluno um copo de plástico e, à vez, cada aluno irá buscar uma porção de terra para seguidamente colocarem a sua semente e regarem. Os alunos poderão levar o copo com a semente para casa com a promessa de que tratarão dela com muita responsabilidade.</p> <p>No final da sessão, os alunos terão de preencher a grelha de autoavaliação.</p> <p>Nota: Se a prática de ensino supervisionada continuasse, era solicitado aos alunos que registassem a evolução da sua semente e fossem apresentando os resultados da mesma.</p>
<p>Perguntas de exploração:</p>	<p>Qual o processo de germinação?</p> <p>Já plantaram algum vegetal?</p> <p>Costumam frequentar quintais/hortas?</p> <p>Já colheram algum alimento?</p> <p>Quais os fatores que influenciam a reprodução das plantas?</p>

Tabela H – “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago.

Análise dos resultados

A presente análise pertence à última aula lecionada, no âmbito deste percurso investigativo. Nesta sessão, a proposta consistiu no estudo dos seres vivos no ambiente próximo, mais concretamente as plantas. Este conteúdo já tinha sido lecionado na presente turma, no entanto constatava-se uma falha em alguns conteúdos ligados à matéria em estudo. Deste modo, planificou-se uma aula interdisciplinar que visasse o estudo de uma história proposta pelo PNL e a matéria de EM. A história escolhida foi então “A Maior Flor do Mundo” de José Saramago. Pensou-se em trabalhar este tema, pois para além de abordar os processos e cuidados a ter com uma planta germinada, apela ao respeito e conservação da natureza. É importante referir que a presente aula sofreu várias alterações das que estavam planificadas, uma vez que o tempo de aula foi reduzido por

motivos extrínsecos à nossa ação. Deste modo, iniciou-se a sessão com a explicação do tema a explorar na aula, enquanto se faziam pequenas revisões relacionadas com o conteúdo a trabalhar. Foi durante na primeira parte da aula que também se apresentou o texto a ser trabalhado, bem como algumas curiosidades acerca do autor da mesma - José Saramago. Depois da primeira abordagem, os alunos receberam um resumo da história e então visualizaram uma animação explicativa da mesma. A intencionalidade de fornecer aos alunos um resumo da história surgiu por dois motivos. Primeiro, como o áudio não tinha voz, os alunos podiam sentir dificuldade na compreensão dos acontecimentos da história e assim podiam consultá-lo para auxiliar a visualização. Posteriormente, o segundo motivo deveu-se à necessidade dos alunos recorrerem ao resumo para responderem às perguntas de interpretação da história: “A Maior Flor do Mundo”.

Referentemente à interpretação textual, esta foi realizada através de cartões com as questões de interpretação (anexo XIII - Cartões para interpretação de história). Primeiramente, os alunos deveriam responder individualmente a cada questão e, posteriormente, efetuou-se a correção através de um dispositivo informático. Neste último, as questões apareciam dentro de cartões coloridos, e de acordo com a resposta dos alunos estes deveriam levantar o lápis correspondente à cor da resposta correta e, assim que se chegasse a um consenso, os alunos deveriam rodear a sua resposta, da mesma cor, caso esta estivesse certa.

No final da interpretação textual, os alunos preencheram uma grelha de avaliação de resultados. A maioria dos alunos afirmou que a interpretação textual ajudou à compreensão do enredo da história, bem como à perceção do papel das personagens.

Após a exploração das atividades relacionadas com o conteúdo de Português, introduziu-se o conteúdo de EM, através de um vídeo disponibilizado na plataforma da “Escola Virtual: A reprodução de Plantas”. Após a visualização do vídeo, os alunos debateram o assunto da germinação das plantas e o processo de crescimento das mesmas. Foi ainda neste último, que se introduziu a atividade da plantação. A cada grupo de trabalho foi entregue um copo de plástico, terra, e uma semente de dois vegetais. Antes dos alunos iniciarem a atividade de plantação a professora estagiária referiu o processo que os alunos teriam de efetuar. Durante a germinação, os alunos intervinham com diálogos bastante fomentados relativos aos adubos naturais e químicos que as plantas poderiam precisar. Assim, a avaliação que se retirou desta última parte da aula foi bastante positiva. Inicialmente, era suposto que cada aluno levasse para casa a sua semente e a tratasse, mas, contudo, optou por plantar uma semente por grupo e lançou-se um desafio

aos alunos. Cada grupo ficaria responsável pela sua planta, ou seja, deveriam regá-la uma vez por semana, retirar ervas que morressem, e cuidar bem dela. Este último processo poderá surtir resultados menos positivos uma vez que para criar momentos de maior respeito e responsabilidade pela natureza as plantas encontravam-se no meio da mesa de cada grupo de trabalho (anexo XIV - Germinação de plantas).

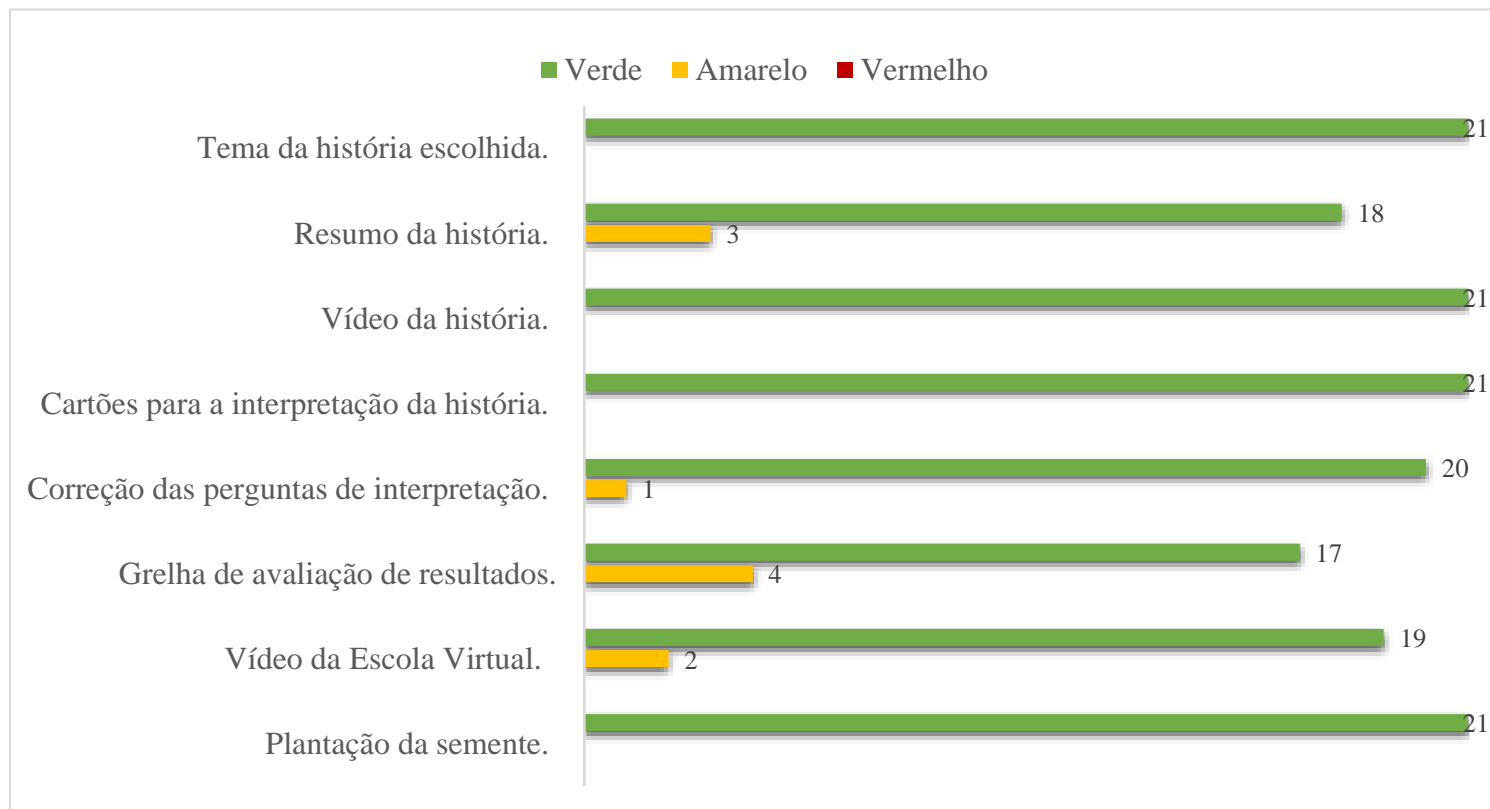


Gráfico V - "A Maior Flor do Mundo", de José Saramago.

Considerações Finais

Ao concluir este estudo, é importante referir que a análise aprofundada permitiu um conhecimento mais especializado da realidade do ensino interdisciplinar, nas áreas curriculares de Português e de EM, no ciclo em causa. Ora, todas as questões que nortearam e despoletaram este projeto de investigação tiveram a sua resposta, enfatizando, uma vez mais, a importância de um trabalho interdisciplinar entre as áreas curriculares que abrangem o currículo dos alunos de 1.º CEB.

No desenrolar da presente investigação, percebeu-se a existência da falta de informação e formação disponibilizada aos docentes, referente ao tema estudado.

Após a conclusão de toda a vertente teórica, que fundamenta o relatório apresentado, ficou claro para nós que os profissionais de educação, no seu ato de formação, necessitam de meios e materiais que ajudem a compreender a importância de ensinar interdisciplinarmente. José Tavares (1997) diz-nos que se tem “falado e escrito muito, nestes últimos anos, sobre interdisciplinaridade, embora esse discurso tenha chegado à prática com bastante dificuldade e, por vezes, de um modo distorcido, incompleto e até contraditório” (citado por Martins & Balula, 2009, p. 1140). Tal como comenta o autor, o mesmo acontece nas presentes dias. O conceito de interdisciplinaridade não pode, de todo, ser visto como uma metodologia de fácil aplicação a todas as vertentes disciplinares, sem que haja um suporte pedagogicamente fundamentado, planificado e pensado para o grupo de crianças a que se aplicam as aulas. O próprio ME necessita de várias reformulações a este nível interdisciplinar, uma vez que os materiais de auxílio ao docente se tornam bastante repetitivos, individualizados e fechados à área curricular a que se destinam. Foi observável, ao longo da prática profissional, que os manuais escolares dos professores, raramente sugerem um atividade interdisciplinar, quando o fazem é abordando o tema de um primas muito global e generalizado. É sabido que cabe aos professores preparem e diversifiquem os materiais a utilizar de acordo com a turma que trabalhem, no entanto é esperado que o apoio do ME, face a estas dificuldades, seja mais diversificado.

Estes constrangimentos, por vezes impedem que se tenha uma perspetiva integradora do saber, fazendo com que seja preciso “substituir a visão tradicional do conhecimento como algo estável e seguro por algo dotado de complexidade que tem de se adaptar

constantemente a diferentes contextos e cuja natureza é incerta” (Cachapuz, Praias, & Jorge, 2004, p. 364).

No decorrer do desenvolvimento do trabalho, a interdisciplinaridade foi apresentada, não só como a utilidade que tem no cruzamento de conteúdos, mas também na abordagem que se faz aos valores morais e éticos dos códigos de pertence da sociedade que estamos inseridos.

Ser professor é uma profissão bastante desafiante. A responsabilidade do docente implica educar os alunos para as adversidades do mundo, colocar desafios de modo a que eles consigam enfrentar a sociedade dos dias de hoje. A escola não se pode só preocupar em instruir os alunos, ao invés, deve procurar educá-los, intelectualmente.

Neste relatório de estágio, ficou bem patenteada a perspectiva de que ensinar é ativar e organizar um conjunto de mecanismos que promovam a aprendizagem do aluno. É, portanto, no modo como o docente ensina que se podem encontrar as potencialidades que possibilitam e facilitam a aprendizagem do sujeito, neste caso dos estudantes.

Quando se pensou na metodologia de trabalho preferencial para aplicar a presente investigação, recorreu-se ao PNL. Deste modo, entendeu-se que a criação do PNL veio reforçar a tendência crescente do uso de livros na sala de aula. Contudo, foi observável que a extensão dos programas e a exigência dos resultados obtidos pelos alunos colocam o docente numa posição difícil face ao cumprimento do Programa do 1.ºCEB.

Com esta investigação pretendeu-se apresentar aos professores de 1.ºCEB as potencialidades das obras de leitura do PNL na sala de aula, exploradas também como apoio efetivo ao processo de ensino do EM. As vantagens desta metodologia mostraram-se evidentes ao longo das avaliações surtidas no final de cada aula interdisciplinar. Uma das vantagens encontradas no ensino do EM, através das histórias, remete-se então, para a aprendizagem do aluno, uma vez que esta se mostra mais motivante, num ambiente que se identifica e tem em conta o seu conhecimento do mundo.

Os dispositivos pedagógicos, as planificações, os meios didáticos utilizados e a avaliação dos alunos, concebidos pela estagiária, foram inteiramente considerados uma estratégia de ensino. Com efeito, a operacionalização desta estratégia de ensino implicou que a futura docente, fruisse de conhecimento técnico centrado na ação didática adequada ao processo de aprendizagem dos alunos.

A avaliação dos resultados das aprendizagens conseguidas deve fazer parte de uma estratégia global e estar articulada com o modo como o trabalho é gerido. Esta foi uma

das preocupações que acompanhou todo o processo e que teve um papel fulcral na avaliação das aulas práticas.

O estudo que se produziu prendeu-se com o facto de se desejar aprender mais sobre o ensino dos conteúdos programáticos de EM, através do Português. Além disso, a motivação e o interesse dos alunos, nas aulas interdisciplinares aplicadas, promoveu ainda mais o desejo de enriquecer o próprio conhecimento com o intuito de melhorar a prática letiva futura e, numa próxima oportunidade, procurar envolver o estudo interdisciplinar com as restantes áreas curriculares.

O uso das narrativas para ensinar e compreender o EM pode parecer bastante complexo, no entanto, surge de forma natural e espontânea. Permite o desenvolvimento das crianças a vários níveis e o fator da imaginação e do maravilhoso está presente no dia-a-dia dos alunos, bem como o ensino do EM está inteiramente ligado a muitas das realidades vividas pelas crianças.

Uma das razões para a aplicação interdisciplinar das aulas recai sobre a discrepância de carga horária entre as diferentes disciplinas, pois de acordo com a legislação preconizada pelo ME, o ensino do português deve acontecer no mínimo de sete horas semanais, enquanto que para o EM o mínimo são somente três horas semanais. Será este último assim tão menos importante que as restantes áreas disciplinares? Foi este o ponto de partida e a motivação para a investigação em curso, bem como, fornecer e conceber metodologias de intervenção educativa que se apliquem em aulas interdisciplinares.

Após esta abordagem teórica, colocou-se em prática cinco aulas interdisciplinares. Para isso, primeiramente elaboraram-se grelhas orientadores para a planificação de cada aula, onde se elencaram os aspetos mais importantes para o decorrer da atividade. O objetivo destas mesmas grelhas foi auxiliar todo o processo de planificação das atividades propostas. Também se elaborou uma grelha de autoavaliação, onde os alunos tiveram oportunidade de avaliar as aulas que colaboraram. Foi através das grelhas supra referidas que se obtiveram os resultados da prática interdisciplinar. Avaliar as atividades executadas em sala de aula, foi sem dúvida, um aspeto crucial para o desenvolvimento e veracidade do presente relatório.

Utilizar as histórias como ponto de partida da aprendizagem, em que os alunos aplicaram conhecimentos da área curricular de Português para a introdução e exploração de conteúdo de EM foi bastante gratificante e produtivo. Os aprendizes mostraram-se mais envolvidos com a atividade, perceberam a lógica de trabalho sem sofrerem cortes de ligação entre as matérias e consolidaram os conhecimentos de forma interdisciplinar.

Em suma, espera-se ter conseguido demonstrar as inúmeras vantagens de se assumir um papel de docência interdisciplinar e espera-se que, futuramente, se possa aplicar mais aulas características como estas, envolvendo todas as áreas curriculares.

Fica ainda o compromisso de continuarmos a investir numa formação contínua que vise o melhoramento dos presentes materiais, bem como o acesso a novas metodologias de trabalho que fomentem e envolvam todo o processo de aprendizagem dos atores principais de formação, os alunos.

Referências Bibliográficas

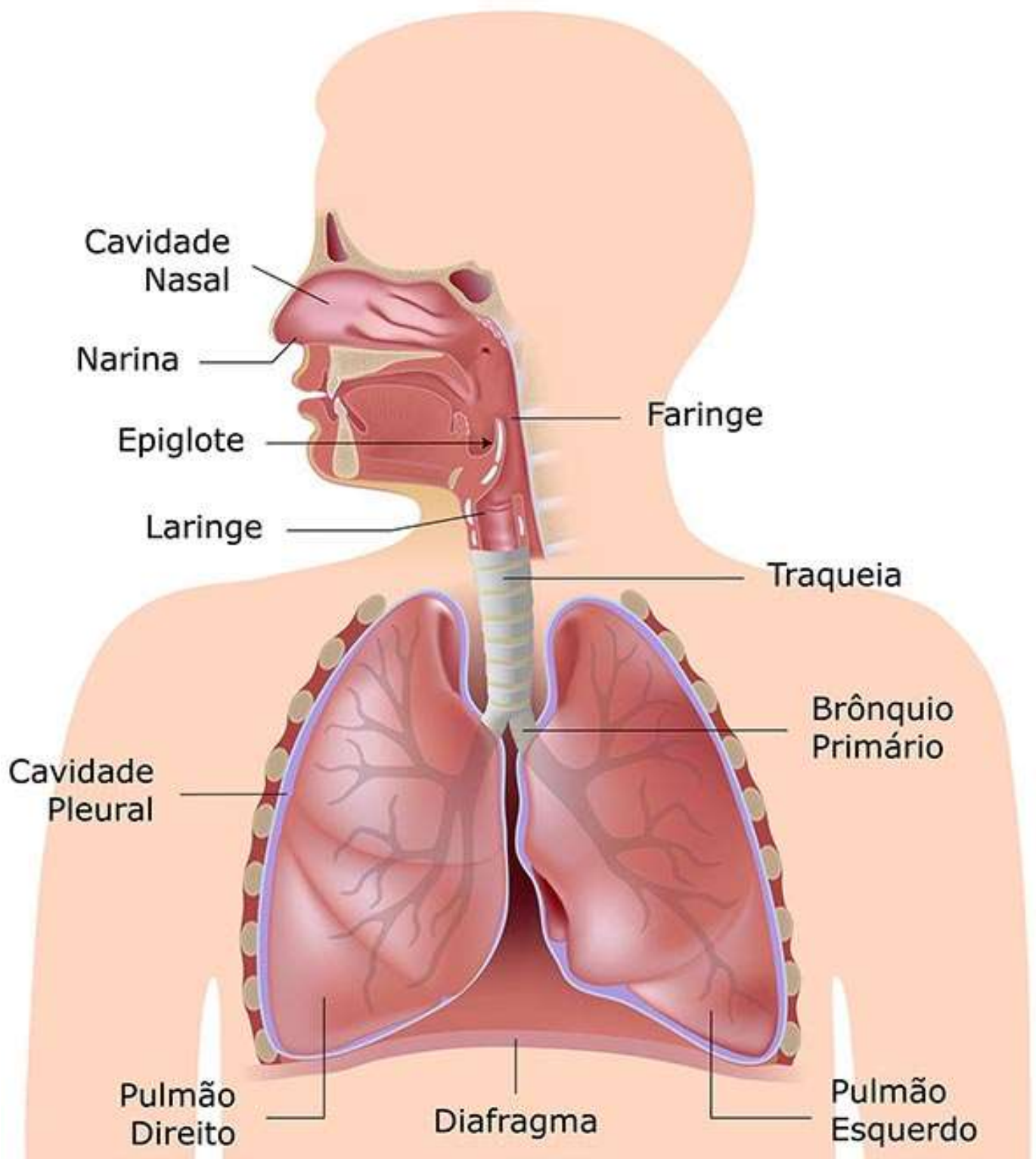
- Alçada, I., Calçada, T., Martins, J., Madureira, A., & Lorena, A. (2006). *Plano Nacional de Leitura: Relatório Síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Araújo, R. A. (2009). *O dia em que o meu bairro ficou em pantanas*. Lisboa: Texto Editores.
- Cachapuz, A., Praia, J., & Jorge, M. (2004). Da Educação em Ciência às orientações para o ensino das Ciências: Um repensar epistemológico. In *Ciência & Educação 10*, 363-381. Brasil: Ciência & Educação.
- Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Gerra e Paz, Editores, S.A.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores - Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves, D. (2015). Problematizar a formação inicial de professores: conhecer, ser e agir. In *Formação Inicial de Professores* (pp. 304-313). Lisboa: CNE – Conselho Nacional de Educação.
- Gusdorf, G., Heckhausen, H., & Vaideanu, G. (2006). *Interdisciplinaridade - Antologia*. Porto: Campo das Letras.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2010). *O Professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel - Edições técnicas, Lda.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2012). *50 Técnicas de Avaliação Formativa*. Lisboa: Lidel - edições e técnicas, Lda.
- Martins, L., & Balula, J. P. (2009). A interdisciplinaridade na formação de cidadão cientificamente cultos: um caso de implementação do projeto "Jovens repórteres para o ambiente". *XIII Encontro Nacional da Educação em Ciências* (pp. 1138-1149). Lisboa: DE-FCUL & CIEFCUL.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico - 1.º Ciclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Monteiro, I., Quinta e Costa, M., & Ribeiro, V. (2015). A promoção da atitude interdisciplinar no ensino do estudo do meio: um projeto de investigação. *Educação, Territórios e Desenvolvimento: Atas do I Seminário Internacional* (pp. 779-789). Porto: Universidade Católica Portuguesa - Educação e Psicologia.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *O Mundo da Criança*. São Paulo: McGraw-Hill.

- Perrenoud, P. (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Ribeiro, M. C. (2011). *Rosa e os Feitiços do Mar*. Lisboa: Trinta por uma linha.
- Rodrigues, R. (21 de 04 de 2013). É assim a vida de (jovem) agricultor. (A. P. Coelho, Entrevistador)
- Roldão, M. d. (2009). *Estratégias de Ensino - o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão .
- Santomé, J. T. (2011). *A Desmotivação dos Professores*. Odívetas: Edições Pedagogo, Lda.
- Saramago, J. (2016). *A Maior Flor do Mundo*. Porto: Porto Editora.
- Serra, E. (2015). *Ungali*. Porto: Porto Editora.
- Tamayo, M. T. (s/d). *La interdisciplinariedad*. Espanha: Feriva.
- United Nations Educational Scientific and Cultural Organization. (Setembro de 2012). Consultado em <http://en.unesco.org/>

Anexos

Anexo I

Imagem ilustrativa do Sistema Respiratório



Anexo II
Mapa ilustrativo da cidade



Anexo III
Mapa-Mundo



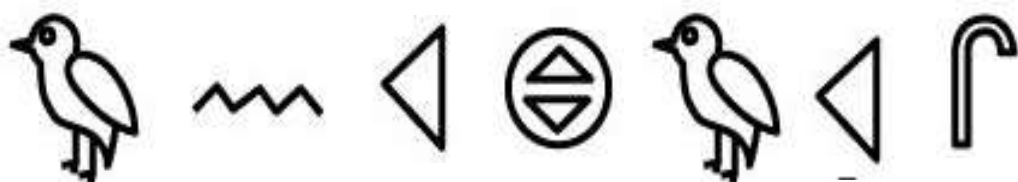
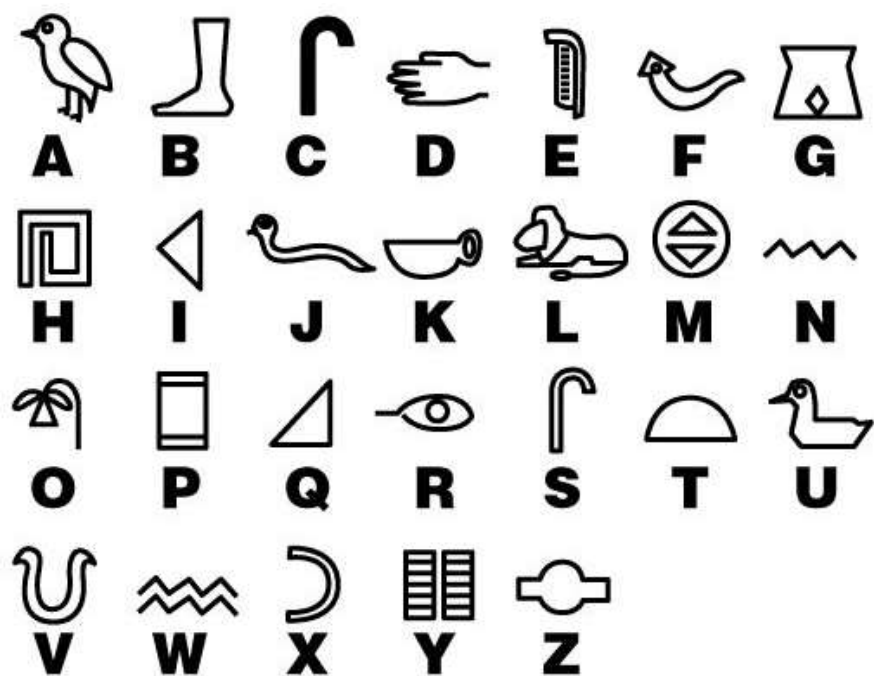
Anexo IV

Cartões com informações dos animais

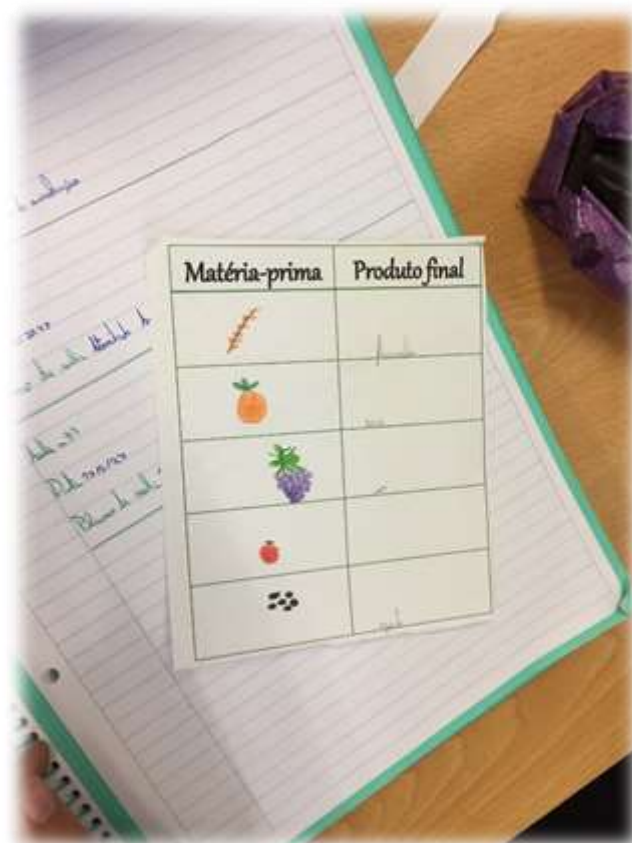


Anexo V

Código de motivação para a aula – Animais pelo Mundo



Anexo VI
Tabela com matérias agrícolas e produtos finais



Anexo VII
Registo do trabalho de casa

Alf *Alf*

Alfiteiro

Clima Condições de temperatura e humidade de 7 dias seguidos

Luz Não funciona como Alfiteiro

Solo Solo muito bom e bem drenado

Irrigação necessita de muita água para regar principalmente nos meses de verão

Colheita Quando a primavera chegar

Alf *Alf*

Parabéns querida Anália!
Bom trabalho!

Alf *Alf*

Região 2: Alfiteiro

Clima A temperatura varia entre 15°C e 22°C. A humidade varia entre 60% e 70%. A precipitação média é de 100 mm por ano.

Luz A luz solar é muito importante para o crescimento das plantas. A humidade da água é muito importante para a sobrevivência das plantas.

Solo O solo é muito bom e bem drenado. A humidade da água é muito importante para a sobrevivência das plantas.

Irrigação A humidade da água é muito importante para a sobrevivência das plantas. A humidade da água é muito importante para a sobrevivência das plantas.

Colheita A humidade da água é muito importante para a sobrevivência das plantas. A humidade da água é muito importante para a sobrevivência das plantas.

Parabéns Tiago!
Excelente trabalho!
Muito boa pesquisa!

Anexo VIII
Criação dos cenários – “Rosa e os feitiços do mar”



Anexo IX
Posto I – Dona Intérprete



Anexo X
Posto I – Dona Gramática



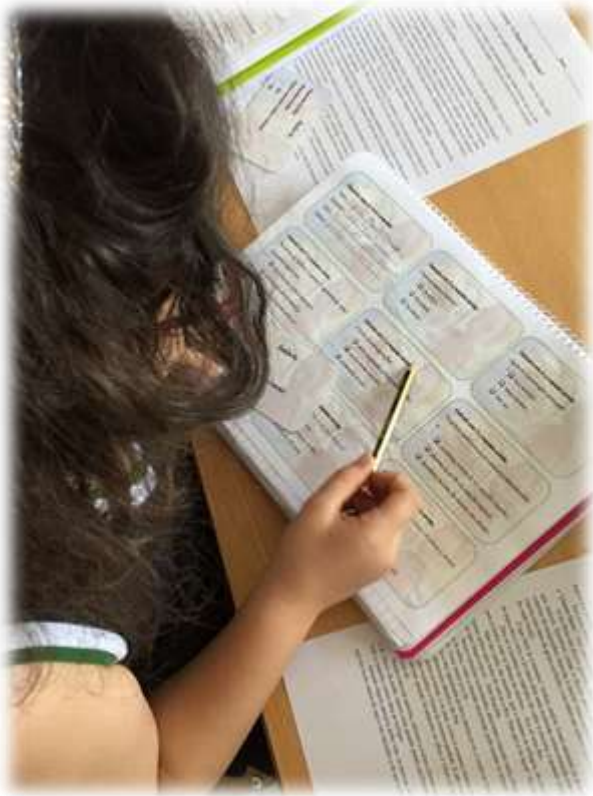
Anexo XI
Posto I – Senhor Pescador



Anexo XII
Palavras gráficas



Anexo XIII
Cartões para interpretação de história



Anexo XIV
Germinação de plantas

